



TRAMAS DRAMAS & CRISES

Org.
Victória Nantes Marinho Adorno



Copyright © 2026 Editora Coletivo Cine-Fórum

Livro Digital de Contos

Organização de: Victória Nantes Marinho Adorno

ISBN: 978-65-83315-14-4

Editora Coletivo Cine-Fórum

2026

Diagramação: Renan Dalago

Ilustrações: Ingrid Arcanis

Os textos são responsabilidade de seus autores, e pertencem a eles, não refletindo necessariamente a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Todos os direitos são reservados aos autores.

Autorizamos a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

Proibido qualquer uso para fins comerciais.

**Direitos reservados a
COLETIVO CINE-FÓRUM**

marca registrada

Goiânia, Goiás

editora@coletivocineforum.com

www.coletivocineforum.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tramas dramas e crises [livro eletrônico] /
org. Victória Nantes Marinho Adorno. --
1. ed. -- Goiânia, GO : Coletivo Cine-Fórum,
2026.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-83315-14-4

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Adorno,
Victória Nantes Marinho.

26-353797.0

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

TRAMAS

DRAMAS

&

CRISES

SUMÁRIO

SE-ENTÃO-SENÃO

Jardel Lucas Garcia

9

TRAJETÓRIAS CIFRADAS

Jefferson Souza

21

O DESPERTADOR DO MEU CELULAR FUNCIONOU MESMO!35

Antonius Gerardus Maria Poppelaars

35

QUANDO O SPSS MORREU E EU NÃO

Ana Brito

46

ISSO NÃO VAI ACONTECER NOVAMENTE

Philipe Erick

64

LITERATURA BRASILEIRA EM FOCO

Julie Isabelle Silva de Souza

81

TERMOS DE USO
Lucas Soboleswki Flores
94

HAEMANTHUS
Patrícia Roberta Xavier
111

SOBRE OS AUTORES
114



SE-ENTÃO-SENÃO

Jardel Lucas Garcia

Se levanto às cinco, então sei que o dia valerá a pena. Senão, trato logo de me depurar. Não cabe outra condição, só a punição merecida.

Se minha esposa reclama, então tenho que fazer uma escolha: caso seja a primeira vez, abro espaço suficiente na minha memória e deixo que ela preencha os espaços vazios reservados. E enquanto eu tomo o café – eu já passei do terceiro –, ela despeja a torrente habitual de dados sobre minha péssima atuação como marido e pai até que se esgota e decide parar. Caso já seja da segunda vez em diante, já encerro o fluxo antes mesmo da reserva.

E se não reclamar, ótimo. Ganho mais uns sete minutos úteis no carro; algum podcast ocupa minha memória enquanto dirijo uns vinte por cento mais devagar até o trabalho. Hoje, infelizmente, não foi assim. E as placas de PARE debocham de mim. Se as pessoas só param, então eu acho uma loucura da parte delas. Gente alienada, só pode. Uma angústia agarra minha garganta.

Se ninguém chegou ainda, então escolho a primeira vaga, a mais próxima da recepção. Senão, aperto o passo a pé mesmo – perda de tempo! Maldita mulher!

Se é início de mês, como hoje, então temos avaliação. Mal me sento à mesa, minha garganta regurgita a angústia e engole a euforia. Estou animado: vai ter depuração de gente.

Se abro minha caixa de e-mails e tem relatório de ponto do mês, então abro-o na expectativa, senão é só baboseira de campanhas e dicas de saúde

mental ou algo assim. O RH daqui é perfeito. Meu coração bate no ritmo dos milissegundos que levam à abertura do arquivo. Roo as unhas: fiquei com quatro estrelas e meia. Decepção. Tenho que sair um minuto mais cedo hoje pra acertar o ponto.

Enquanto a avaliação não começa, abstraio minha ansiedade nas linhas de código. Se falhei no ponto, nelas isso jamais aconteceria, sou implacável na minha função. Dou um break quando vejo eles se reunindo na sala à frente. Pego um café e aprecio a cena através das paredes de vidro da minha sala. Ser sênior é maravilhoso.

Se não fui chamado – é óbvio que não seria –, então já sei o resultado. É claro que não seria outro! Fechei o mês em mais de dez mil cliques e quarenta mil toques médios por dia. Meu score é perfeito. Conto até três e chega o e-mail confirmando isso, como previ. Eu não disse? O RH é perfeito. Com mais dois cliques, compartilho minha nova insígnia enquanto observo os trouxas incompetentes sendo demitidos. A nuvem negra na cara de derrota deles me faz rir. Disfarço com mais um gole de café. Pobres desgraçados; não devem ter chegado nem a cinco mil cliques. Deus me livre dessa gente atrasada. Volto ao trabalho.

Para cada erro de programação que acidentalmente cometo, subtraio um café do meu dia. Tenho que ser justo. Sou cuidadoso, testo meu próprio código antes de entregá-lo de bandeja para algum descuidado. Sei que sou o melhor daqui. Hoje um bug me incomoda pelas sete horas e cinquenta e

nove minutos que lido com ele, mas não posso ficar. Tenho que corrigir meu ponto.

Se vou me encontrar com Iara, então envio mensagem à minha esposa avisando que vou fazer hora extra. O jantar pode esperar. Ajusto um intervalo de trinta minutos assim que chegamos ao motel. Meu celular vai cuidar de me interromper. Então, iniciamos o protocolo. Pulo logo algumas partes, vamos direto para a recursão. Quanto mais rápida, melhor. Iara gosta, eu sei. Me canso antes do ponto de parada, bom que dá tempo de tomar um banho. Iara desce do carro sem falar nada. Melhor assim.

Se chego em casa e o jantar está pronto, então lá vem minha esposa de novo. Como não é a primeira vez, então fim. Ela sabe que não vou ouvir. À mesa de jantar, minha filha conta que terminou com o namorado. “Não eram compatíveis, né?”, pergunto, afirmando. Minha esposa me fuzila, vejo com o canto do olho direito. “Exatamente, pai. Não somos nada compatíveis”, minha princesa responde. É, de fato, digna da minha herança. Tem classe, sabe viver no mundo. Já meu filho, um objeto sem forma, coitado. Puxou a mãe. Mal toca na comida. “Como foi seu dia?”, tento perguntar, só para agradar. É claro que o moleque não responde. Um dia ele aprende a ser útil.

Enquanto cada um vai cuidar da própria vida, vou primeiro ao banheiro fingir que preciso de um banho. Me alivio primeiro, já que Iara não foi capaz. Deixo o celular bem baixinho porque é bem possível que a mulher venha atrás de mim. Saio rápido, tenho funções a desempenhar hoje ainda. Que

audácia aquele algoritmo achar que vai me controlar! Trato logo de abrir o notebook e batalhar com aquele maldito bug. Registro minha entrada no sistema, funcionário exemplar.

Se passo da meia-noite trabalhando, então minha esposa sempre vem me chamar. Dormir oito horas por dia é perder um terço da vida, já disse para ela. Tenho horror a isso. Meu maior medo é que o dia não dure o bastante. “O meu é que a gente não dure”, ela diz do corredor. Quanto sentimentalismo! Ela deveria ser grata ao meu esforço, já que é graças a mim que ela pode trabalhar só meio horário. Veja só, meio horário! Um luxo. O mundo está chato, cheio de ingratidão.

Se as horas vão passando e a solução não vem, então recorro a outras ferramentas, afinal elas estão aí para isso. Preciso entregar hoje. Ninguém me pediu, mas eu preciso. Enquanto preparo outro café, vejo luz entrando pelas frestas da janela. É o sol. Não falei? Aproveitei muito bem as oito horas que todo mundo nessa casa desperdiçou. Tomo mais um banho e saio mais cedo para o trabalho. Ninguém vai roubar minha vaga desta vez.

Se tem documentação para preencher, então envio para os estagiários. Eles que cuidem da baboseira toda, tenho resultados a entregar. Vejo que meus números de ontem já chegaram. Se continuar desse jeito, vou bater a meta antes da metade do mês. Não fosse o maldito bug que insiste em rastejar pelas minhas telas, meu dia teria sido perfeito. Sem gente incompetente enchendo o saco e sem reclamações bobas.

Se o jantar de hoje é o mesmo de ontem, eu nem percebo. “Larga o telefone, filha, vai jantar!”, ouço minha esposa dizer. “Deixa a menina”, digo de boca cheia, só para provocar. Ela só suspira, minha filha nem se move. Deve estar avaliando algum partido melhor que o anterior. Melhor para ela. “E você? Está dando para ouvir essa música daqui. Baixa esse volume!”, a mulher direciona a raiva para nosso filho. Coitada. Como se ele fosse ouvir. Ele também não se mexe, encapsulado no mundinho dele.

Enquanto ela retira o jantar, abro o notebook de novo. De hoje não passa! Antes de sentar na cadeira, sinto uma tontura. Me apoio na mesa até a falha passar, nada demais. Mas a lentidão do mundo piora, a sala gira preguiçosa. Quer que eu mergulhe nele, que eu caia nesse coletor de lixo enferrujado do tempo. Me recuso. Vou tateando a parede até meu quarto. Tomo logo uns quatro comprimidos de uma vez. Sento na cama e faço aquela respiração que o influenciador me ensinou. Repito as palavras-chave, invoco o arquétipo correto, método infalível. Já vai passar.

Se eu me recostar um pouco na cama, será que vou dormir? Espero que não, mas resolvo arriscar. Deito a cabeça no travesseiro. Fecho os olhos para o mundo parar de girar. Nessas horas, é fácil o tempo perder a lógica. Mas acontece o oposto. A solução para o bug! Ela vem, quase como mágica! Então me levanto rápido. Meu coração chega antes de mim. Abro o notebook. A noite nem terminou e eu já concluí! Eu sabia, o maldito não era páreo para mim! Essa meta é minha.

Se volto ao meu quarto e minha esposa já está dormindo, então tomo um banho rápido e silencioso. Senão, tomo um banho demorado enquanto os remédios dela não fazem efeito. Dessa vez, deito satisfeito minha cabeça no travesseiro. Só não consigo dormir.

Se coloco uma música para tocar, então durmo como uma criança. Senão, não durmo. Descanso meus olhos por alguns momentos até o sol aparecer e tudo começar de novo. E de novo. E de novo. E de novo. A fila de dias é grande e vou acabando com eles como um profissional.

Se o décimo quarto dia chegou, então trato logo de conferir meu score. Fixei o décimo quinto como o limite para a meta. Ninguém pediu, mas eu fixei. Para que trinta dias se posso concluir em quinze? Meu status de funcionário ouro vai brilhar na cara de todos. A promoção vem, tenho certeza. Dessa vez vem. Os números me dão essa certeza. Os olhares invejosos dos outros reforçam isso ainda mais enquanto vou renovar meu estoque de café. Não posso fazer nada se eles não se esforçam o suficiente. Saio de lá mais animado do que cheguei.

Enquanto tiro as roupas de Iara, acho ela até mais bonita hoje. Então deixo ela me satisfazer, eu mereço. Deito na cama e ela vem, desajeitada, sem classe, mas pelo menos sabe fazer o que preciso. Permito até dez minutos a mais que o habitual antes de deixá-la no ponto.

Se mais uma vez o jantar é o mesmo dos últimos (sei lá quantos) dias, então resolvo fazer um desvio; mudo o fluxo pra ver se tenho, pelo

menos hoje que eu mereço, um resultado diferente. Elogio a comida (na verdade, está insossa), acaricio a mão dela enquanto esboço um sorrisinho. Ela me olha séria, mulher desconfiada, igual a todas as outras. Mas sei que ela gostou.

Se não tenho mais preocupações com a meta neste mês, então vou pro quarto mais cedo. Ela está lá de pé. Eu a abraço por trás, sinto o corpo rígido dela amolecer aos poucos. Viro-a de frente para mim, ela pousa as mãos nos meus ombros. Me encara por uns segundos. Deve estar ponderando se isto está mesmo acontecendo. Depois, deita a cabeça no meu ombro direito, sinto a pele do rosto dela no meu pescoço. Ficamos assim por algum tempo, dividindo o peso do corpo entre os pés. Tempo demais pro meu gosto. Sinto um empurrão. A sensação do peso dela contra meu peito ainda não passou quando ela começa a gritar como uma louca. “Quem é a vagabunda dessa vez?”, lá vem ela com a pregação. Ela emenda com um arranjo de palavrões e ofensas enquanto eu tento pensar no que a fez desconfiar desta vez.

Enquanto ela grita, tiro a camisa. A idiota da Iara não só largou o perfume barato dela em mim como deixou o batom horroroso manchar minha roupa. Talvez tenha feito até de propósito, traiçoeira que é. Mas se essas duas pensam que vão estragar meu dia, estão muito enganadas. Ela parou de gritar já faz um tempo. “Nosso casamento parece uma cena de um filme ruim”, ela diz, serena e chorosa, olhando pela janela, encarando o horizonte noturno e agitado da cidade. “Sabe o que é pior?”, ela se vira

rápido e olha pra mim, como quem tem um insight. Fico até curioso pra saber o que é. “O pior de tudo é pensar que eu te amei esse tempo todo achando que você se importaria”, ela despeja, me encarando nos olhos, só água e decepção entre nós. Eu conto alguns segundos antes de dizer alguma coisa. “Só tem um erro de sintaxe na sua frase. Você não precisa me amar o tempo todo”. Parece que ela não entendeu, pois ela só balançou a cabeça, foi pro banheiro, tomou um banho, tomou os remédios e deitou. Tudo normal.

Se nem a música me fez dormir esta noite, então é porque o destino quer que eu me mantenha atento. Grandes coisas me esperam hoje. Engulo umas vitaminas assim que me sento à minha mesa. Mal posso esperar. Minhas costas suam de empolgação, sinto até meus olhos tremerem. O e-mail vai chegar a qualquer momento. Só espero que ninguém venha invadir minha sala pra dar tapinhas falsos nas minhas costas. Que demora! Já cliquei no botão de atualizar umas mil vezes. E já são oito e um. O RH não costuma falhar assim. Levanto e começo a dar voltas pela sala. Oito e dois. Nada. Será que querem me fazer uma surpresa? Acho que sim, pois, pelo que sei, nunca ninguém conseguiu isso aqui antes. Oito e três. Uma notificação! Quase afundo a cadeira quando me sento. Clico para abrir o e-mail e espero. Vamos! Vamos! Clico de novo, não abre. Maldita internet! Só pode ser ela. Atualizo a página e clico de novo. Vejo um vulto borrado acima do monitor. Algum bisbilhoteiro, tenho certeza. Não dou atenção. A espera e a falha de internet me fizeram até sentir calor. Desabotoo a camisa com uma mão en-

quanto a outra clica freneticamente sobre o e-mail. Uma gota de suor entra no meu olho, eu o esfrego e vejo que há mais vultos disformes na frente da minha sala. Um deles bate no vidro. Bando de gente chata!

Me deixem em paz, seus invejosos improdutivos! Ninguém vai me roubar este momento, esse sempre foi o meu lugar. Pronto! O e-mail abriu! Meu coração vai explodir de empolgação e ansiedade. Eu só vejo o conteúdo dele de relance, em câmera lenta, um borrão pintando a diagonal entre o monitor e o chão. Sinto meu corpo bater forte contra o piso frio da minha sala. Ouço de longe o que parece ser uma voz abafada. Meus olhos captam imagens que parecem de uma TV antiga.

Os pixels se mexem e somem devagar.

Acho que minha pilha estourou. O jeito é reiniciar.



TRAJETÓRIAS CIFRADAS

Jefferson Souza

O compasso da canção desandou como a vida, em movimentos complexos, intrincados, onde ouvidos inaptos jamais darão conta de perceber suas cifras.

Quando Jorge me convidou para tocar em seu trio, eu pensei em recusar. Afinal, era uma amizade de infância que não fazia sentido. Aos onze anos, matriculado no colégio Secular Honório Junqueira, a professora de música solicitou minha inscrição no programa de monitoria por insistência de meus pais. Eles estavam receosos com meus problemas de comunicação, e por conta disso me tornei monitor do curso livre de violão clássico nível três. Desde que me entendi por gente, que ouço palavras direcionadas a mim como: o prodígio, um abençoado, ele é único, etc. Cresci como um dotado, mas quando aprendi a ter senso crítico, vi que as pessoas ao meu redor é que ainda não sabiam reconhecer quem de fato possuía a tal singularidade. Eu me ouvia mais como um violador de Andrés Segovia do que como um bom músico. Durante um dos encontros, dividimos os violonistas entre iniciantes e intermediários. Foi quando conheci Jorge Dias.

Ele usava um moletom amarelo, com um enorme sol vermelho bordado nas costas. Parecia uma bandeira do Japão falsificada. O que acreditei ser ignorância de sua parte, já que ouvia constantemente os outros alunos o chamarem de Chico. Ele tinha um violão horrível, com cordas cheias de lodo lá no alto e poeira nos capotrastes. Apesar de argentino, não falava espanhol, mesmo a escola nos obrigando a falar pelo menos duas línguas.

Jorge era quase um personagem de um filme de amizade dos anos 90 que eu jamais seguiria o roteiro. Para compensar a péssima impressão que tive dele, o mesmo possuía um gosto musical sublime. De Sivuca a Nat King Cole, Jorge solfejava Canção que se imaginava e Too Young como ninguém. Os únicos momentos em que eu o aturava eram os de falar dessas influências. De resto, cantarolava fora de hora e sempre trazia o instrumento desafinado.

Não nos comunicamos diretamente, até porque havia mais de vinte no grupo, e eu, como monitor, queria que pelo menos uns dois se destacassem. Jorge era um dos que possuía bom gosto, mas não muita disciplina. Os amantes do Samba e do Blues, que mal saíram da pentatônica, tocavam o básico, porém sem trastejar. Jorge se metia a dedilhados na nona sinfonia de Beethoven, praticamente imitando uma aranha bêbada no braço do já tão surrado violão. No primeiro recital, ele encasquetou de mergulhar notas agudas no meio de um importante movimento de Chopin. Nossa professora de música, a Dra. Vanusa, riu do que depois chamou de inventividade do virtuoso. Eu, que não sabia mentir quando o assunto era música, me senti pela primeira vez desafiado a sair de um decoro que meus pais juravam que eu jamais abdicaria. Minhas raivas eram expurgadas no banho, em imaginações de violência medieval e automobilística. Me imaginava na Batalha de Hastings, ou vencendo com folga o Grande Prêmio de Mônaco, mas nunca me permiti trazer perigo físico real para mim. Nesse dia, diante

da falha de Jorge, vi ali uma brecha para experimentar. Parti para cima dele tentando acertar um soco que com certeza não teria doído nada caso acertasse. Tropecei no case de outra aluna que estava distraída comendo uma maçã. Caí aos pés de Jorge, e ele me olhou como um ser humano pela primeira vez. Digo isto, pois minha seriedade era tamanha durante as aulas, que podia sentir ele me evitando para não me desconcertar com o olhar.

Depois da patética quase briga, fomos direto para a sala da supervisão. O arrogante Sr. Xavier, que ostentava o maior e mais ridículo bigode tingido de preto que consigo imaginar, concluiu que eu sofria de complexo de superioridade e me suspendeu. Na outra semana, quando pude retornar às aulas, Jorge havia sido transferido para a escola pública. Demorei muitas semanas para tocar no assunto, não queria que as pessoas soubessem que aquilo me incomodou, mas quando num intervalo de educação física, entre um gole ou outro no bebedouro, pude jogar o assunto Jorge na fila. “O pai dele foi preso”, disse Raiane Couto enquanto limpava os óculos. De fato, aquilo coincidia com a realidade dos fatos. O pai de Jorge foi pego num esquema de lavagem de dinheiro, que levou a família a se mudar para longe.

Isso aconteceu enquanto eu estava no sétimo ano, aos doze anos de idade. Agora, tenho quarenta e seis. Lancei duas cantoras de blues em Nova Orleans através de um programa de intercâmbio. Ganhei o prêmio de melhor arranjador em 2014. Contribuí com diversos artistas renomados, casei com

uma bela mulher, tive dois filhos, conheci a cocaína e perdi tudo. Hoje moro numa pequena casa alugada em Mossoró e trabalho como músico num bar próximo de uma universidade.

Foi durante um movimento de Toquinho, exclusivo de uma apresentação com Vinícius de Moraes em 69, e por conta de um jovem que gravou com o celular, que Jorge me reencontrou. Ele foi me ver tocar na sexta-feira, e assim que terminei, ele me pagou um galo quente e uma cerveja. Eu demorei a me lembrar dele, e só após rememorarmos a quase briga, que de fato, preenchi essa lacuna do passado.

— Eu estou montando um trio de jazz em Fortaleza. — Disse Jorge, me mostrando um panfleto colorido. Era um resort, com ares de sofisticação caribenha. Se chamava La Nuestra... Assim, com reticências. Jorge disse que o repertório era todo instrumental, solicitado pelo dono, que tinha uma mulher de sessenta anos, que havia bancado todos os seus caprichos. Um deles, um bar no resort, que só tocasse música ao vivo com excelentes instrumentistas toda noite. Ele, o dono, havia tentado ser músico, mas falhou na falta de aptidão. O que compensou em produção, ou no que acreditava ser sua vocação; proporcionar ao mundo boas canções.

Eu, no primeiro momento, neguei. Embora eu não suportasse tocar naquele bar ao lado da universidade, havia uma tranquilidade em minha vida que eu jamais conquistei enquanto estava no que chamam de auge.

Era incrível perceber a juventude, cansada e inspirada por suas demandas acadêmicas, cheia de entusiasmo e atenção por aquele momento. O dinheiro era muito pouco, até mesmo quando o pagamento era o gallo quente e condução até a casa. Mas eu estava em remanso, o que para mim, após adulto, nunca foi uma opção. Não tive intimidade com meus filhos, e não sei se em algum momento da vida eu quis. O amor que jurei e senti pelo casamento se transformou em breves sorrisos nostálgicos. Onde nem mesmo a amizade pôde conter minha fuga. A única coisa que não pude perder, mesmo tentando muito, foi a música. Pelos meus pais, não sei se agradeço ou amaldiçoo, por me inserir desde cedo a conhecer esse poder invisível da eternidade. Deus, com todas as suas camadas, acredito ser música, e ainda são poucos os que perceberam essa verdade.

Jorge insistiu, dizendo que iria me satisfazer tocar com eles, e que precisava de alguém exclusivo, com meu talento único.

— Não sou mais aquela pessoa dos tempos da escola, Jorge. — Disse com um guardanapo entre os lábios. — Eu não me dedico o tanto que me dedicava, e não sei quantos músicos te decepcionaram para que chegasse até minha pessoa. Só sei que estou feliz por você ganhar bem, o que na nossa categoria é muito difícil. Lhe desejo sorte e agradeço pela refeição.

Enquanto eu esperava alguma insistência por parte de Jorge, ele simplesmente acenou com a cabeça e se ofereceu para me levar em casa.

Nós fomos em silêncio no caminho, e me surpreendi que ele não tentou pôr nenhum disco, ou mostrar a banda pra tentar me convencer. Íamos em silêncio, e os únicos instrumentos que provocavam melodias eram os da vida cotidiana nos atacando pelas janelas do seu Gol. Nós só interrompemos a sinfonia do cotidiano noturno de Mossoró quando rimos da apresentação em que tropecei tentando bater nele.

Quando eu saltei para fora do veículo, ele disse: ‘O baixista vai ser ele... Disse Jorge, dando ignição.

— Ele quem? — gritei. Jorge tirou a chave, respirou fundo e, olhando para mim, disse:

— Ele mesmo...

Fiquei perplexo com a possibilidade de ser verdade, e de como o tempo parece ter sido corrompido com aquele silêncio. Volto meus pensamentos para a possibilidade de encontrar essa pessoa, e de repente já me vejo fazendo as malas e indo para Fortaleza do próprio bolso para procurar o baixista. No caminho, ia tentando conversar com as pessoas à minha volta, buscando uma forma de convencê-las a irem até o La Nuestra... para nos ouvir. Fiz a barba, cortei o cabelo, comprei até um terno cinza semelhante ao que Ray Brown usava. Quando o táxi parou no resort, eu iniciei meu ritual pré show, abanando as mãos e soprando a ponta dos dedos. Solfejos em notas aleatórias, que só depois me dei conta de que estava em frente

ao espelho retrovisor. O taxista, estava com uma expressão entre o riso e a impaciência.

Ao chegar na recepção, me certifiquei de que não deixei meus equipamentos no carro. Caminho pelo piso de mármore esverdeado e me deparo com um deck de frente para uma enorme piscina. A placa La Nuestra... não existia, e Jorge e o baixista estavam me esperando de pé. Era mesmo ele, e eu não tive coragem de sequer apertar sua mão. Apenas me designei a ligar o amplificador, equalizar, checar a afinação duas vezes e acenar que estava pronto para Jorge. Um garoto muito magro, de uns dois metros de altura, me trouxe um pedestal com um livro de partituras, mas quando abri, me deparei com uma canção cifrada.

— Isso é brincadeira, não é? — Perguntei, rindo, para Jorge. O baixista ignorou minhas palavras, estava com um palito de dentes na boca, admirando o brilho dos próprios sapatos. Jorge soprou a ponta das baquetas e, sem contar o tempo, entrou.

Eu me vi como um novato da música, que não conseguia ser simples de jeito nenhum. Jorge atravessava as notas, como quem procurasse uma virada no meio de uma ponte óbvia. O baixo marcou as notas do meu violão em vez da bateria. Era como se ele, o baixista, estivesse procurando me conhecer através das cordas, e não do diálogo. Eu sempre detestei improvisação. Acredito que as pessoas escrevem músicas e merecem que os instrumentistas

respeitem suas decisões. Jorge se despreendeu do baixista, que se concentrou em correr atrás de meu violão como quem persegue um ladrão. Eu ia em um, dois, três, ele chegava no quatro, cinco para me destoar. A bateria se manteve em ritmo de longe, nas longas passagens que meu dedilhado estava a se atrever. Era meu violão, fugindo da marcação grave do baixo, que vinha atrás de mim como um assassino sedento. A bateria de Jorge só observa, como uma pequena multidão de curiosos, que se junta para ver se a briga vai terminar em morte mesmo.

Tocamos, mesmo não parecendo música, e quando de fato entendi que estava compondo depois de muito tempo, decidi me entregar ao acaso. Não acredito que a melodia dos instrumentos vem de um lugar etéreo, abstrato e invisível. Eu sei, com todas as certezas, que a música vem do terceiro espírito dos gatos malhados da Rua Padre Lopes. Os refrões nascem quando o último fio de cabelo é seco pelo vento. Os versos são primos distantes dos garfos de plástico da festa infantil dos meus filhos. O baixista me deu a vez do solo, e eu preenchi metade do espaço entre a base com escalas coloridas e desengonçadas. Ele, quando dei a vez, mostrou o porquê de ser ele, o grande do século. Parecia um dançarino robusto de valsa russa, tentando sambar a todo custo. Os passos de um baixo são como coreografias mal terminadas, que se tornam belas, justamente por não atenderem aos primeiros pedidos.

É preciso isolar o óbvio, e isso é tarefa complicada. Nas minhas contas,

tocamos por cerca de duas horas. Não lembro de termos feito intervalos, quando um ia tomar algo, ou descansar os dedos, o outro supria a harmonia com o que quer que fosse. Fizemos quatro finais falsos, um mais bonito que o outro, por fim, quando nos contentamos com o que havíamos feito ali, numa noite única e perfeita para quem nos ouviu, encerramos.

Recolhemos os instrumentos e fomos caminhando em lados opostos. Eu me arrisquei a tentar saber mais sobre a amizade de Jorge com o baixista, mas desisti. Meu corpo ainda tremia, e eu precisava muito de uma cerveja gelada.

“Grande noite, hein?” me perguntou um garçom com um sorriso tímido. Aparentava ter uns trinta anos. Pela voz, deu pra notar que ele estava nervoso, e eu imaginei que fosse por conta de me reconhecer como músico da noite.

— O senhor vai pedir alguma coisa? — Disse ele, tímido.

— Uma cerveja, por favor. — Respondi com um sorriso mesquinho. Do tipo com que se intimida uma pessoa inconveniente. Ele me trouxe o copo, e eu pude ver algumas pessoas comentando sobre o show. Elogios e reclamos, por falta de cantores. Sempre tem alguém assim. Chamei o rapaz para pagar a conta, e só então encontrei o que procurava; “O senhor deve ser mesmo amante da boa música.” Disse o rapaz me dando o troco.

— Sou. Por quê? — Ele sorriu tentando imitar minha mesquinhez.

— É que o senhor ficou parado o show todo. Quase como se estivesse lá com eles. Deu pra perceber que o senhor também é músico. — Eu me levantei e fui caminhando para o estacionamento. No caminho, até me arrisquei a ver o letreiro La Nuestra... e estava tudo certinho, com as reticências e tudo. Procurei Jorge, e de fato pude vê-lo flertando com um rapaz numa mesa. Do seu lado estava o tal Baixista, e pondo o violão no case, estava uma moça muito simpática. Eu simplesmente não toquei uma nota sequer. Foi um sonho, um delírio causado pelo cansaço da viagem, ou até mesmo, quem sabe, uma dose de cocaína que cheirei sem saber. Caminhei até a recepção e vi um telefone público. Lembro de me perguntar: “Ainda fazem isso?” Disquei o número de minha casa antiga. A que comprei quando gravei e excursionou com Djavan. Aquilo fazia vinte e cinco anos. Tocou...

Alô? — Era a voz de meu filho mais velho. A essa altura, deveria ter uns vinte e dois anos.

— Fred?

— Sim...pai?

— Sou eu, filho.

— Onde o senhor está?

— Estou em Fortaleza tocando.

— Puxa, que bom... há quanto tempo não liga... fico muito feliz de saber disso.

— Fred...

— O quê, pai?

— Você ainda pratica o violão? Quero dizer: ainda sabe tocar? — Ele ficou em silêncio por alguns segundos. Nós sabíamos que provavelmente aquela seria a última vez que nos falaríamos em vida. Muito havia sido dito e feito. E nada do que acontecesse de ruim comigo apagaria o trauma que foi a minha vida para essa família. Ele respirou fundo, pelo menos eu lembro de ouvir assim, e me respondeu: “Não aprendi a tocar nada. Desculpe. Era impossível que eu o questionasse. Pensar em se interessar por música, sendo um de meus filhos, era como não se permitir crer em Deus por certeza de ir para o inferno. Depois disso, não perguntei mais nada. Apenas tentei respirar mais alto, para ele saber que eu estava ali. Foi quando ele disse: Pai, eu ouvi aquele disco dos Beatles.

— Qual? — Perguntei com uma voz anasalada pelas lágrimas.

— O branco. — Respondeu tímido — Tinha razão... Belchior era um dos grandes mesmo.

— É, filho... ele era. — Eu desliguei o telefone e fui andando para o ponto de ônibus. Com o pouco de força que tinha na garganta, cantarolei “Happiness is a warm gun”... Minha vida cabia toda, certinha, naquela canção.



O DESPERTADOR DO MEU CELULAR FUNCIONOU MESMO!

Antonius Gerardus Maria Poppelaars

O despertador do meu celular toca às seis. Só preciso estar no escritório às nove horas, mas não vou arriscar outra vez. Já fui demitido no primeiro dia de trabalho. Na verdade, antes do primeiro dia de trabalho, porque meu despertador antigo não funcionou mais. Fui acordado às dez por meu chefe que ligou. “Joaquim, Joaquim de Andrade, onde você está? Já são dez horas!”

Olhei para o meu despertador antigo de Donald Pato da minha infância. “Droga! Gaguejei a primeira desculpa esfarrapada: “Desculpe, Seu Pedro, me senti um pouco fraco e esqueci a hora ... Então...”.

“Joaquim, você poderia ter ligado para o escritório imediatamente! Você não precisa mais vir! Está demitido!”. Ouvi o clique seco da desconexão.

Então, estava sem emprego novamente! Pelo menos a demissão no meu penúltimo trabalho durou algumas semanas. Fui trabalhar após uma festa que durou a noite toda. Eu estava muito bêbado. Decidi caminhar para o trabalho, suar a bebida para fora e assim ficar sóbrio. Na rua do escritório, andei em cocô de cachorro. Tirei o máximo que pude com um galho de árvore e lavei meu sapato em uma poça de água de chuva.

Ainda meio bêbado e sem ter tomado café da manhã, nem banho e cheirando a álcool e cigarro, entrei no escritório da advocacia Vasconcelos & Vasconcelos Filho. Minha mesa estava cheia de documentos esperando para serem digitalizados. Que merda! Que trabalho chato era aquele. Fiquei assustado quando a porta da minha salinha abriu.

“Andrade! Por que esses documentos ainda não foram digitalizados? Porque você está parecendo um vagabundo! Mas, que cheiro de merda!”

Esse era Filho, um dos advogados. Um ex-oficial do exército em um terno azul, cabelo loiro raspado e olhos azuis penetrantes.

“Andei em cocô de cachorro, major”, disse ao filho, que queria ser chamado com a sua antiga patente.

“Sim, e por que está todo jogado?”, rugiu o major.

“Eu estava em uma festa que fugiu um pouco do controle, major”, respondi.

“Você é patético, garoto. Um fracassado. Sempre desculpas. No exército, enfiamos os dedos na garganta, vomitamos, depois entramos no chuveiro, vestimos roupas limpas e voltamos ao trabalho. Estou de saco cheio da sua cabeça de múmia. Saia, saia! Está demitido!”, gritou Filho com seu olhar maníaco e possesso na minha cara.

Mas desta vez liguei o despertador direitinho e acordei a tempo para tomar café e banho e até chegar a tempo no ponto de ônibus. Senti uma bomba no meu estômago ao entrar no ônibus. Felizmente, aprendi a deixar meu gás corporal escapar silenciosamente. Ainda não consigo controlar o cheiro.

“Jesus, cara! O que é isso! Você tá cagando, Davi?” queixa-se um rapaz.
“Não, cara, tô morrendo com este fedor também!”, respondeu o outro.

Li em uma postagem no Instagram que uma americana vende seus peidos online. O cliente pode escolher o cheiro; se você gosta de queijo, ela come queijo francês do tipo que cheira a chulé. Ela envia os resíduos gasosos do queijo ao cliente em um frasco por 150 dólares. Isso é saber como ganhar dinheiro.

No começo de um relacionamento, não solto pum perto da minha namorada. Quando o relacionamento sobrevive, o gás explode com força. Dizem que soltar pum na companhia da parceira indica que há confiança entre os parceiros. Assim, gosto muito de expressar meu amor.

Uma vez, depois de transar, eu disse a Maya, minha última ex: “amor, chega mais perto”. Quando ela se aproximou, peidei na cara dela. Ela chorou um pouco, chocada demais para reagir. Outra vez, quando ela me masturbava, um peido escapou. Maya pareceu enojada, mas continuou a me masturbar. É assim que deve ser; sempre termine seu trabalho.

Ainda assim, foi demais até para ela. Eu acabei de me mudar para outro apartamento. Maya foi a primeira a chegar à festa de inauguração da minha nova toca. Para terminar com nosso namoro! Ela ainda queria que eu a levasse para a parada de ônibus. Durante a caminhada, eu disse: “mas ainda podemos transar?”

“Oh, por favor, vá embora!”, ela gaguejou.

Voltei à minha nova caverna. Alguns amigos já estavam na porta.

Felizmente, nunca mais vi Maya.

Pego meu celular e entro no canal de Peppa Pig no YouTube, o que sempre faço para relaxar. Um episódio que ainda não conheço está disponível. Peppa ouve o pai fazendo um barulho engraçado. Peppa pergunta a Papai Pig o que é esse som. Papai Pig diz que está assobiando. Peppa quer também assobiar e Papai Pig explica que ela deveria apertar os lábios e soprar suavemente. Peppa tenta, mas não rola. Papai Pig diz que ela precisa praticar um pouco mais.

Sou muito bonito, pareço com o Bradley Cooper. Meu corpo está sarado porque participo de competições de corrida. Já fiquei uma vez em décimo primeiro lugar.

Na minha segunda corrida, deu tudo errado. Uma hora antes da corrida, havia comido um enorme pedaço de bolo de chocolate no café da manhã. No final da corrida, senti a disenteria enchendo a minha barriga até meu pescoço. Em pânico, acelerei o passo e consegui chegar até uma vala ao lado da avenida, onde o conteúdo do meu estômago estourou na água rasa da vala. Na corrida seguinte, outros corredores, gargalhando, jogaram rolos de papel higiênico em minha direção.

Não gosto de pensar naquela corrida, então volto logo para Peppa, que foi para a cozinha e pergunta à Mamãe Pig se ela sabe assobiar. Mamãe Pig diz que nunca tentou. Peppa afirma que requer muita prática e é muito

difícil, mas Mamãe Pig pega na hora, o que irrita Peppa muito. Mamãe Pig fica com pena de Peppa e pergunta se ela gostaria de provar a massa dos biscoitos.

Peppa não quer provar e vai para o seu irmão George no primeiro andar da casa. Ela diz a George que está praticando assobiar e que é quase impossível! Mas George consegue assobiar imediatamente. Ainda mais triste, Peppa desce da escada. Até George sabe assobiar!

Droga, tenho que descer agora, a próxima parada fica perto do call center onde trabalho agora. Eu vendo um cartão de crédito internacional. Ainda há tempo antes de começar e entro em um posto de gasolina. Assisto à Peppa novamente enquanto estou comendo. Peppa liga para sua melhor amiga, Suzy, que também não sabe assobiar. “Ah, que bom!”, reage Peppa, feliz da vida. “Quero dizer que triste”, acrescenta Peppa logo, para não ofender sua melhor amiga.

Suzy pergunta o que assobiar é, o que Peppa explica. “Então é isso, Peppa?” Suzy consegue assobiar e uma furiosa Peppa desliga bruscamente; tut, tut, tut faz o telefone, enquanto uma surpresa Suzy fala: “Alô, alô.” Não consigo controlar minha risada; essa Peppa Pig não existe. Isso não é para crianças! Os outros clientes no posto olham para mim com desprezo.

Comi demais. Dois cafés, três biscoitos recheados e duas fatias de bolo de limão. Vou fazer uma caminhada extra neste fim de semana. Eu sinto a

disenteria saindo por todos os lados e corro para o banheiro do posto de gasolina. Não, sangue de novo. Ah, que dor! Não quero fazer aquela cirurgia mais uma vez.

Fiz uma cirurgia no ânus no ano passado. Logo depois daquela corrida com a disenteria. O médico disse que eu como demais e, por isso, fazia cocô em excesso. Correr, com muito suor saindo pelas costas e dentro da bunda, também contribuiu para isso. “Tudo isso causa essa dor. Coma menos, lave-se melhor após fazer cocô, senão as hemorróidas vão voltar rapidamente”, explicou o médico.

Felizmente, a dor e o sangramento diminuíram e eu entro no prédio onde trabalho. Ouço meu colega Lima gritar no telefone: “Alô! Alô! Você está interessado em um cartão de crédito internacional? Você nunca viajou para fora? Isso não importa e... Alô? Alô?”

Anderson, nosso chefe, escuta irritado e dá um bronco com seu sotaque lesado do interior. “Pra que essa gritaria, Lima? Isso assusta os clientes! Agressivo demais! Não vou continuar avisando a você!” Anderson é um idiota. Lima também, com sua cara de mosca, embora sair com ele seja divertido.

A última vez que a gente saiu, eu falei: “Lima, olha essas gostosas atrás de você.” João berrou: “Cadê! Onde!”, virando a cabeça furiosamente em todas as direções. As moças riam na cara dele. Outra vez, ele deixou

sua cerveja cair em cima do barman, que ficou furioso. Conseguimos sair ligeiramente, escapando de uma boa surra dos seguranças.

Atrasada, como sempre, chegou Simone ao trabalho. Anderson está zangado, mas não diz nada. É óbvio que ele deseja a morena gostosa. Durante o intervalo, Simone diz: “Olha, fiz topless na praia de um condomínio fechado” e mostra com orgulho uma foto do evento. Ainda bem que Anderson perdeu a foto gloriosa de Simone, já que o abestado sempre almoça na sala da diretoria. Quase todos ficam envergonhados e olham para o outro lado. Eu não. Os peitos são deliciosos, cheios, cor de café com leite. Viva Simone!

Espero até o momento em que todos voltem à sala e vou ao banheiro. Eu me masturbo, pensando nos peitos da Simone. Isso faz o expediente menos tenso e a jornada de trabalho passa mais rápido, principalmente porque é no tempo do chefe.

Pego o celular e assisto ao final do episódio da Peppa, que está muito zangada agora e vai para o jardim. Mamãe Pig oferece biscoitos quentes do forno e avisa Peppa para soprar primeiro. Peppa pega o biscoito e sopra para esfriar o biscoito. Sua boca faz um barulho estranho. “O que é isso!”, grita Peppa. “Você está assobiando Peppa!”, fala Papai Pig. Peppa assobia a música tema da série Peppa. Todos assobiam com Peppa e depois caem no chão, rindo com as pernas no ar.

Anderson grita comigo quando volto na sala. “Joaquim, onde você

esteve! Não pode ficar plantado no vaso sanitário para sempre! Eu quero aqueles cartões voando pela janela até os clientes. Agora, já!”

“Cartões voando pela janela seria um desperdício de dinheiro, seu filho da puta”, eu murmuro.

“O que! O que disse?”

“Eu disse que os cartões já estão voando pela janela, chefe!”

“Isso quero ouvir, muito bom, Joaquim. Ouviu, Lima, como Joaquim é um funcionário exemplar?” Os olhos de mosca de Lima dispararam veneno para minha direção.

Finalmente, seis horas. Arrumo minhas coisas na minha mochila. Infelizmente, já comi todos os biscoitos de chocolate. Vai ser uma jornada faminta até meu apartamento. Eu saio da sala e, sem me despedir de ninguém, caminho até o ponto de ônibus. Eu pego um cigarro. No prédio, não se pode fumar. Cheirar cocaína, tomar pinga, tudo é permitido! Mas, não é permitido fumar ou eles lhe enforcam na hora! Quando boto o cigarro na minha boca para acendê-lo, noto que meus dedos ainda cheiram ao meu sêmen.



QUANDO O SPSS MORREU E EU NÃO

Ana Brito

Ninguém sabia ao certo quando começou o inverno, mas eu desconfio que foi dentro do ônibus, não no calendário.

O ar-condicionado cuspiu um frio teimoso contra o meu rosto, a janela embaçada desenhava mapas de fuga que eu não tinha como seguir e o vídeo aleatório do *Instagram*, rodando em silêncio, parecia zombar do fato de que eu tinha trocado finais de semana tranquilos por quase trezentos quilômetros semanais de estrada e uma promessa de diploma.

Duas horas e meia de trajeto, ida.

Duas horas e meia, volta.

Três estações inteiras de dúvidas enfileiradas como postes na estrada.

Algumas promessas são grandes demais para caber em 24 meses, pensei, reclinando a cadeira e fingindo que o sono era mais forte que o medo de não dar conta. Tédio acadêmico também mata, eu já intuía; só não sabia ainda o que ele seria capaz de fazer comigo.

Em um março qualquer, quando o **primeiro inverno** nordestino estava no limiar, o ônibus parou e a paisagem mudou de mata atlântica para caatinga, e chegando ao destino: concreto pintado. Desci com a mochila num ombro só, como quem não sabe onde fica o bloco, mas também não tem para quem perguntar. Os corredores ainda cheiravam a tinta fresca, mas os jardins estavam verdinhos junto a prédios jovens e promessas velhas.

Subi dois lances de escada até uma porta verde. Ele estava ali.

— Eu ia descer para te esperar, só faltava você - disse, sorrindo, educado, as mãos nos bolsos como se não houvesse outra maneira de estar em pé neste mundo.

O sorriso era fácil, a voz era macia, o cabelo arrumado demais para alguém que, supostamente, tinha corrido entre um compromisso e outro. Naquele momento, ele era só um funcionário simpático, uma presença neutra na cena do meu primeiro dia. Depois eu daria outro nome a ele. Muito outro.

Passei pela porta verde. A apresentação já tinha começado. Era uma sala ampla de conferência, com cadeiras confortáveis de fileiras disciplinadas. Havia umas vinte e duas pessoas, talvez mais mulheres do que homens. Eu gostava de chegar sem ser percebida, como se o mundo fosse palco e eu, técnica de iluminação: vejo tudo, mas ninguém me vê.

Por isso, fui direto para as últimas fileiras.

Por isso, claro, fui imediatamente notada.

— Vocês duas aí atrás, venham mais para frente! - anunciou o coordenador, sorridente, teatral, como se chamasse voluntárias para um experimento.

Olhei para o lado. Outra mulher, tão encolhida quanto eu, ocupava duas cadeiras vizinhas, a bolsa apoiada no colo como escudo. Nem tivemos tempo de pensar: levantamo-nos juntas, obedientes, mas só migramos uma

fileira à frente. A ousadia possível.

Enquanto o coordenador falava de prazos, parâmetros, exigências e glórias acadêmicas, começaram as apresentações pessoais. Nada foi oficialmente solicitado, mas havia gente que parecia nascer pronta para o palco. Um movimento sutil na fileira da frente me chamou a atenção: uma mulher levantou-se, ajeitou o casaco e respirou fundo.

Ágatha.

Em menos de dois minutos, a voz trêmula dela cedeu lugar a um choro intenso, compulsivo, como se os dez, quinze anos anteriores tivessem se condensado naquele instante. As mãos tremiam, o rímel cedia, os ombros sacudiam. A sala inteira se inclinou na direção dela, num misto de curiosidade e piedade.

Meus pensamentos intrusivos – que mais tarde eu reconheceria como parentes distantes de *Raskolnikov* – se perguntaram, com frieza incômoda: qual o real motivo desse choro?

Não que a dor dela fosse menos digna. Era o espetáculo que me incomodava. Aquela encenação, quase ritual. Lembrei de *Kárlovitch Krienger* em ‘Humilhados e Ofendidos’, e tive vontade de sussurrar ali mesmo: “espalhamento histriônico”.

Antes que eu tirasse um lenço de papel da bolsa, alguém na frente já estendia o próprio, com um gesto ensaiado de solidariedade. Outra colega

levantou-se em seguida para contar sua trajetória. Não chorou, mas inflou cada feito, cada curso, cada certificação como se fossem medalhas em desfile. Havia, no tom da voz, uma espécie de certeza de que ela era a causa de todo orgulho universal.

Eu observava.

Sempre observo primeiro. É o que me mantém viva.

No intervalo, descobri que só havia água com gás. Nem um café. De repente, senti inveja de *Dostoiévski*: em Petersburgo, ao menos, havia conhaque para iniciar uma grande obra. Eu tinha um copo de água borbulhante, uma mochila e um caderno artesanal, presente de uma amiga.

É, pensei, olhando para o copo: vai ser na água com gás mesmo.

Naquele dia, ao fim da manhã, já sabia que estava cercada de gente que precisava provar muito – a si, ao mundo, a um pai ausente ou a uma professora antiga – que merecia estar ali. E eu? Eu só queria atravessar aquele lugar sem ser devorada pelo tédio ou pela vaidade alheia ou minha.

Os dias seguintes correram como quem tropeça na própria pressa. E uma vez por semana acordar muito cedo, dirigir, sol, chuva, a paisagem alternando entre cana, mata e caatinga. Eu entrava nas salas sempre dez minutos antes do início, o suficiente para ser pontual e invisível.

Foi numa dessas manhãs que meu celular vibrou silenciosamente sobre a carteira:

— Você já tem algum grupo para o trabalho?

Número desconhecido.

Levantei os olhos e vi, duas fileiras à frente, uma mulher loira, cabelo acima dos ombros, óculos de aro fino, acenando discretamente.

Ainda não! Respondi.

Quer ficar no meu? – Veio logo em seguida.

Não houve análise de currículo nem teste de compatibilidade astral. Eu apenas deixei que um pequeno sinal verde interno acenasse de volta.

Quero!

Só muito mais tarde eu soube que, antes da mensagem, que ela tinha *stalkeado* meu *Lattes*. Ali, entre linhas de trabalhos apresentados e experiências docentes, ela deve ter visto algo que a fez supor que eu era inteligente. Ou minimamente confiável.

Laura era o oposto do espalhamento, mesmo rindo alto, pensava fundo, era genuinamente assim, ‘de verdade’. Nos primeiros encontros do grupo, percebi que ela se espantava muito mais com as injustiças do que com os desafios metodológicos. Tinha uma fé estranha na ética das pessoas, como se acreditasse piamente que, no fim, ninguém conseguiria conviver muito tempo com a própria maldade. Ela seria meu primeiro contraponto. Ali, naquela sala de cadeiras azuis, em outras e na vida.

Nesse mesmo dia, Laura não teria aula à tarde e perdeu uma das cenas

mais impactantes. Não para mim, mas para quem levou a mágoa para o coração. O assassinato do *SPSS* aconteceu numa tarde que, se eu pudesse, classificaria imediatamente como nevasca emocional. Do lado de fora, fazia um sol quase indecente. Mas por dentro gelava.

A professora, uma *PhD* de currículo vasto e paciência curta, entrou na sala com uma pasta de couro e uma expressão que misturava enfado e desdém. Jogou o material sobre a mesa, ligou seu *Apple*, cruzou os braços e nos avaliou como quem mede mercadoria vencida.

— Vocês são quali ou quanti? – perguntou, sem cumprimentos.

Silêncio.

Uma colega na primeira fila mexeu no cabelo.

Outro abriu um arquivo no notebook, fingindo concentrar-se.

— Eu perguntei: vocês são quali ou quanti? – repetiu, agora com impaciência aberta.

Senti o ar ficando denso. Eu sabia que não era quanti – minha relação com números sempre foi de respeito desconfiado – então supus que era quali, ou era quali-quanti... não sabia mais o que eu era a essa altura da tensão! Mas, ao redor, reconheci nos olhos de muitos um vazío assustado, um ‘não sei’ que ninguém ousava pronunciar.

— Não acredito que nem isso vocês sabem responder — ela disparou, com um riso curto, mais próximo do escárnio do que do humor. — Não vou

ensinar nada a vocês. Vão ler. Vão procurar. Vocês querem ser pesquisadores, mas não sabem nem o que são?

Ninguém respondeu.

Um silêncio espesso caiu sobre a sala, aquele silêncio em que qualquer ruído vira confissão.

Senti um leve movimento na fileira ao lado. Alguém, em voz baixa, murmurou:

— Mataram o *SPSS*...

Não sei quem foi. Sei que, a partir daquele momento, o rumor ganhou vida, o ranço percorria todos os corredores, e quem era quanti teve que se virar sozinho. Nas semanas seguintes, toda vez que alguém se atrapalhava com um teste estatístico, quando um p-valor dava ‘errado’, quando o programa travava, surgia a mesma frase:

— É, o *SPSS* foi assassinado, coitado. Nem chegou a florescer.

Na minha cabeça, a cena se desenhava com precisão ridícula. Eu via o *software* aberto em uma tela, abarrotado de colunas sem rótulo, linhas sem consistência, dados coletados às pressas, maltratados. Via janelas congeladas, gráficos desalinhados.

Via o clique final – aquele gesto que encerra tudo – silencioso como renúncia. E um grupo inteiro de iniciantes ‘quanti’ olhando para a tela do monitor, como quem olha um corpo no chão.

Não foi o método que morreu, claro. Foi o pacto. O pacto da professora com os alunos. O pacto de que ali haveria alguém disposto a ensinar e alguém disposto a aprender. No lugar, ficou a sensação de abandono, incapacidade e culpa. Lágrimas rolaram naquela tarde e em várias outras. E não foram poucas. Mas não foram as minhas.

Na semana seguinte, Laura olhava para o quadro com a testa franzida, a mão segurando a caneta com força desnecessária. Eu a observei de lado: havia nela uma tentativa sincera de compreender, não de se defender ou atacar – como a grande maioria dos estultos, digo: colegas. Talvez por isso, meses depois, eu a compararia mentalmente a *Aliôcha*, de Os Irmãos *Karamazov*: alguém que atravessa a escuridão humana sem se tornar escuro.

Eu, ao contrário, senti meus pensamentos intrusivos se divertirem com a crueldade discretizada daquela cena e daquela ‘Doutora’ e com alívio por não ser ‘quanti’. Uma parte de mim desejava ser só o tédio acadêmico encarnado, pisando em vaidades e nas certezas de quem não sabia de nada, ainda. E outra parte observava, sem conhaque, mas com um sarcasmo seco e a sensação de um solfejo mental em Ré menor: sofram!

O verão seguinte chegou sem aviso, sem transição suave. Um dia eu ainda usava casaco leve; no outro, sentia o suor escorrer pelas costas enquanto descia do carro, irritada, por esquecer a garrafa de café em cima da mesa de casa.

Foi também no verão que ele reapareceu: o homem da porta verde, agora com nome.

Clodoaldo. O “impostor preferido”.

Não que o rótulo fosse oficial, claro. Eu o atribuí sozinha, após observá-lo circular pelo curso como quem atravessa um salão de baile contínuo: fala macia, sorriso pronto, roupa na medida exata do casual elegante, sempre carregando alguma pasta, algum documento, alguma desculpa, aliás, inúmeras.

Estava em todas.

Nos corredores, nas reuniões, nas fotos. Surgia ao lado de coordenadores, de professores convidados, de visitantes importantes. E sempre com aquele jeito de quem é indispensável, mas nunca está realmente fazendo nada.

Sobretudo, era um grande sinalizador de virtude. Dizia as palavras certas, na ordem certa, para a plateia certa. E tinha até algumas fãs. Falava de empatia com um brilho quase plástico nos olhos. Pronunciava “ética” como quem diz “senha de acesso”. Defendia causas, fazia discursos inspiradores, batia no peito pela “transformação social via academia”.

Até que, aos poucos, as rachaduras apareceram. Assim como eu previ. Sim, quem observa muito sempre faz previsões acertadas. A promessa de organizar um evento que nunca saía do papel. O cronograma combinado que “se perdeu” em algum e-mail. As orientações que, no fundo, não ajudavam

ninguém, mas rendiam bons agradecimentos em público.

Era como um arquivo corrompido: brilhava quando exibido, mas, ao abrir, nada funcionava direito.

Havia boatos de que Clodoaldo se multiplicava. Alguém dizia que ele prometera o mesmo projeto para dois grupos diferentes. Outro contava, em tom de fofoca, que o mesmo discurso motivacional tinha sido repetido, quase palavra por palavra, em eventos distintos, como se fosse uma gravação. Aos poucos, surgia a impressão de que não era um homem só, mas várias versões mal coladas disputando espaço dentro de um corpo só.

Eu observava de longe, entre o cansaço das disciplinas e os trabalhos se acumulando.

Às vezes o via de perfil, no corredor, falando com alguém da secretaria com um sorriso alongado demais. Em outras, percebia que ele desviava o olhar quando passava por mim e por Laura, como se soubesse que ali havia alguém que prestava mais atenção do que o conveniente, mas com um detalhe: não éramos fãs nem plateia.

Foi numa dessas semanas quentes, saturadas de papel e ar-condicionado falho, que ouvi falar do “*affaire*”.

— Dizem que ele está vivendo um “negócio” escondido – cochichou uma colega, na fila do café (aquele instantâneo, triste, que finalmente apareceu na máquina).

— “Negócio” tipo o quê? – perguntei, sem muito interesse, mas curiosa com a forma vaga da frase.

— Com uma pessoa daqui – ela abaixou ainda mais a voz. – Muita adrenalina, segredo, encontros em eventos noturnos... essas coisas. Mas e a pessoa? É uma que é bem da igreja e a mãe é na cola! – Respondeu quem era do grupinho de fãs.

Não perguntei nada mais. Algumas histórias, quando alimentadas, crescem demais e passam a disputar espaço com a realidade. Eu já tinha enredo suficiente na minha própria cabeça. Olhares prolongados de admiração, sorrisos, porta-voz, caronas. Não precisava de mais evidências.

Mas não pude deixar de reparar, dali em diante, no jeito como ele se inclinava para falar com certas pessoas.

Na maneira como o sorriso crescia para uns e retraía para outros. No modo como parecia querer ser visto e, ao mesmo tempo, não se comprometer com nada além da cena.

Comecei a me perguntar quantas versões de Clodoaldo existiam, de fato. E qual delas ele acreditava realmente ser.

Enquanto o impostor se multiplicava, outros fenômenos mais discretos aconteciam entre as carteiras.

Alguns colegas imitavam trejeitos alheios. De repente, aquela expressão ou aquele jeitinho de segurar a caneta que era de uma pessoa aparecia em

outra. Houve quem adotasse o estilo de roupa de um professor admirado quase como uniforme.

E havia ainda os que trocavam de identidade profissional com a mesma facilidade com que trocavam de aba no navegador.

— Trabalho com recursos humanos – dizia Antônia, numa manhã.

— Sou da área de TI – anunciava Antônia, em outra roda, semanas depois.

Os discursos também variavam. Em algumas apresentações, o tom era combativo, quase agressivo, repetindo palavras de ordem que circulavam nos debates online. Em outras, eram humildes, espiritualizados, “gratidão pra cá, gratidão pra lá”. Em comum, um certo vazio no olhar, como se a máscara não tivesse tido tempo de colar direito no rosto antes de ser exibida.

Esses eram os camaleões.

Eu os observava com um misto de ojeriza e repulsa. Em alguma medida, todos queremos ser um pouco mais do que somos. Mas ali havia algo além da aspiração: era a crença sincera de que o personagem poderia substituir a pessoa para sempre. Lembrei-me do Coringa e tive medo.

Até o silêncio parecia ensaiado. Tinha gente que sabia exatamente quando calar para parecer profundo, mesmo não pensando em nada, mesmo sendo rasos demais. Outros usavam perguntas mascaradas de difíceis para camuflar inseguranças básicas. Alguns se protegiam em citações, números de

páginas e nomes estrangeiros, como se a erudição emprestada pudesse blindá-los do ridículo. E Ágatha, que sempre chorava quando sentia enfraquecer perante a turba, ou melhor, a turma, era uma das manipuladoras preferidas.

Pagar uma publicação rápida numa revista predatória e sair por aí se chamando de “pesquisador internacional” era só um dos sintomas desse teatro dos vampiros, que não era o de Renato Russo.

Às vezes eu me pegava pensando no assassinato do *SPSS* e no colapso silencioso de Clodoaldo – que um dia simplesmente parou de aparecer, de ser lembrado. Ninguém o expulsou. Ninguém o denunciou. Ele apenas... sumiu. Como uma aba de navegador fechada sem aviso.

Talvez fosse essa a forma mais cruel de ruína: não a queda pública, mas o esfarelar discreto de quem passa a vida fugindo de si. O impostor não foi desmascarado num grande escândalo. Ele se desgastou até desaparecer.

Os camaleões também foram perdendo cor. Um arrumou emprego em outra área, outros foram carregados nas costas pelos orientadores, outro passou a falar mal da academia em longos textos nas redes sociais, esquecendo convenientemente os artigos predatórios que havia comemorado meses antes. No fim, ninguém saiu ileso, mas poucos saíram íntegros.

Eu e Laura seguimos.

Não porque fôssemos melhores ou mais fortes. Talvez porque tivéssemos, desde o início, uma desconfiança saudável da cena inteira. Ela

acreditava que dava para permanecer ética e amorosa mesmo em ambientes hostis. Eu, por saber que o tédio, usado com inteligência, protege da adesão automática às paixões coletivas e rende bons enredos.

Quando olho para tudo hoje – para o inverno e verão vividos intensamente, o impostor, o *SPSS* supostamente morto, os camaleões, as mensagens vazias – percebo que nada disso foi apenas cenário. Tudo era matéria para o novo, especialmente para novos degraus.

Sobretudo, para entender que, na academia como na vida, os detalhes do percurso importam bem mais que o título. Este só vai acontecer se você sobreviver ao caminho.

Foi assim que lembrei do coelho, quando indagou Alice para onde ela iria. Porque, no fim das contas, caríssimos leitores, o destino pós-academia pouco importa, por ser ele algo extremamente incerto... o que realmente decide quem você se torna é se você consegue sobreviver – e aprender – no caminho que escolhe atravessar. E vos digo: Ele não é de asfalto.

Talvez o *SPSS* tenha realmente morrido e eu seja ‘quali’,

Mas com certeza os impostores não vencem jamais.

Foi o percurso – torto, estreito e vivo – que ensinou, à força, que dissertar é verbo que exige sobrevivência, especialmente a nós mesmos e aos nossos pensamentos intrusivos.

O resto, bem...

O resto foi só aprendizado disfarçado de caos.

Sinceramente, eu gostaria de agradecer ao coelho de Alice, por me ajudar a mapear essa travessia e saber exatamente aonde chegar. E assim tomamos boas xícaras de café madrugada afora, acompanhados de água com gás, para dispersar não os gases, mas o cansaço do próximo caminho e do degrau seguinte: a tese.



ISSO NÃO VAI ACONTECER NOVAMENTE

Philippe Erick

Primeiro, você simplesmente deixa toda aquela água salgada te dominar e te preencher. Eu achei que ficaria desesperado. Mas não. Foi como encontrar a plena paz que sempre procurei. O silêncio plácido e translúcido até o fechar dos olhos com o azul escuro virando plena escuridão ao meio-dia. Mas sem medo.

Apenas a força esmagadora de uma decisão sem volta e tão pesada que te leva para o fundo do oceano. E simplesmente você inala toda a água e ela entra em você e te lava por dentro e ela passa a percorrer todas as suas veias e todos os órgãos te inundando. E então você não sente mais angústia.

Você para de respirar - já não precisa. E então você vai se diluindo naquele líquido todo. Como se nunca fosse sólido. Você se reconhece ali. Ali é meu lugar. E você deixa seu corpo ir e se desfazer.

Assim é morrer afogado.

Mas eu não morri.

Depois disso, senti uma dor forte na cabeça. E me senti extremamente pesado. Uma sensação muito diferente de estar dentro da água. Senti luzes fortes ofuscarem do lado de fora. E sons de metal, aparelhos e bipes intermináveis. De forma que gritavam em um curto intervalo de tempo, anunciando que meu coração ainda batia e que eu ainda estava vivo. E, por fim, com medo extremo e desorientado. Lembrando das minhas últimas

experiências táteis e molhadas, sentindo minhas células liberarem todos os seus conteúdos líquidos para fora, se romperem com o meio e se fundirem com o vasto oceano, formamos apenas um, como em uma transa em transe.

Senti meu corpo coberto por uma textura áspera e grossa. E abri finalmente os olhos desorientado, sem saber o que pensar. E sem lembrar nem mesmo o meu nome e totalmente sem pensamentos ou sentimentos, como se tudo fosse uma página completamente em branco e vazia.

Pensei. Por um breve momento. Seria isso a morte? Seria isso morrer? Estou no céu ou no inferno? Luzes brancas invadiam meus olhos, impedindo-me de me fixar ou enxergar qualquer coisa. Não consegui sequer me mover, ou pensar em me mover. Até que alguns segundos de eternidade se passaram e os bipes começaram a apitar de forma mais constante e mais alta e meus olhos foram se ajustando à iluminação e o que via acima de mim era uma luz branca, fria e berrante que inundava toda a sala branca e translúcida.

E foi quando ouvi a porta se abrir e involuntariamente minha cabeça se voltou para o som. E vi um ser de roupa azul-clara e branca dizer alguma coisa. Seria um anjo? Ou um demônio? Ou os dois? Ela olhou os aparelhos à minha volta. Perguntou algumas coisas que sequer conseguia ouvir ou me concentrar em suas palavras, como se estivesse pronunciando palavras de um idioma que nunca ouvira antes. Nem mesmo saberia se era português,

inglês ou espanhol. Ou ainda, qualquer língua falada na terra. E então senti suas mãos sob uma luva de látex quente e fria sobre minha testa e sob meus braços. Checando e examinando como se eu fosse um boneco plástico tomado por uma tormenta tão grande e avassaladora e que agora precisaria ser consertado.

Eu tinha pulado no mar de um penhasco. E me afundado.

Então, ela meio que apalpou com delicadeza e sutileza minha cabeça que doía. E ela mexia em aparelhos e coisas médicas. E eu ouvia os sons cortarem meus tímpanos, mas eu ficava imóvel vendo aquela luz branca entrar em mim. E logo fui sentindo meu corpo cada vez mais mole e anestesiado sob o colchão e simplesmente apaguei.

Quando dei por mim, estava sentado em um consultório médico branco e polido, com cheiro de desinfetante, com aquela roupa de hospital, ainda meio dopado. Não sabia quantos dias haviam se passado, mas a dor de cabeça já não incomodava tanto.

— Você pulou no mar, bateu com a cabeça em pedras, mas sobreviveu... Alguém te resgatou. Você teve sorte. - Apontou para mim. O médico de óculos e todo o clichê que você possa imaginar.

Sorte! Era uma palavra muito forte para aquele momento. Eu queria fugir e dei o azar de não conseguir.

— Notamos que não foi sua primeira vez... neste caso, só nos resta – ele falava no plural de um jeito desdenhoso que odiava — te colocar sob custódia do Estado. — Me assustei quando pegou um carimbo grande e bateu com toda força sobre as folhas que estavam na mesa.

— Isso não vai acontecer novamente, meu jovem... — disse após carimbar o último papel. Estremeci diante da sentença.

— O que isso significa? — Questionei, cruzando os braços.

— Caio, você precisa de ajuda nesse momento... — Levantou-se, deu a volta na mesa e pousou uma das mãos sob meu ombro. — Por isso você irá para o Instituto Eficiência Vital, porque a vida e a eficiência são medidas pela produtividade. E você, agindo assim, não está sendo produtivo, não é? Afinal, felicidade é um bônus, como dizem, a produtividade é que é o dever.

— Trabalhe enquanto eles dormem... — Continuou falando essas baboseiras para minhas costas, naquele momento eu já nem prestava atenção. Parecia um palestrante besta.

No dia seguinte, estava no carro com outras três pessoas do hospital que me levavam para... Instituto Eficiência Vital - Li nos enormes muros de pedra. O carro parou em frente ao enorme portão de grade de ferro e dois seguranças vieram até o carro. Um arrepio me sacudiu por dentro ao cruzar a entrada. Falaram e prometeram um tratamento contínuo até que eu possa

retornar para as atividades laborais “como de costume”. E é claro, eu não tinha escolha.

— Seja bem-vindo ao Instituto Eficiência Vital. Você será muito bem tratado aqui, meu jovem — disse um senhor de meia-idade de jaleco com um sorriso de comercial assim que descemos do carro em frente a um prédio antigo e meio degradado pelo tempo. — Sou o Dr. Otávio, diretor do Instituto. Um dos nossos pacientes irá apresentar o hospital para você, venha...

Entrei pelas portas da instituição temendo o que iria encontrar ali. E me sentindo um prisioneiro com tantas grades e portões. Chegava a ser irônico, logo eu, que queria fugir da vida de alguma forma, agora me sentia preso a ela. Sendo observado por guardas e câmeras instaladas em cada canto daquele lugar, como grandes olhos que te engolem e sabem até mesmo o que você está pensando.

— Esse é Êxodo... Aqui trabalhamos com um modelo de colaboração, trabalho mútuo e recompensa. Ele irá te apresentar à instituição e explicar algumas regras. Mas qualquer coisa, estou disponível. — Deu outro sorriso sinistro.

Estava confuso e nem sabia o que dizer. Cumprimentei Êxodo. E ele ia falando e falando e eu mal conseguia prestar atenção. Fomos até uma sala e

ele pegou roupas para mim. Uma espécie de uniforme marrom com o nome do instituto na frente e um slogan atrás — porque aqui medimos a vida pela eficiência. Era patético. Vesti as roupas e calcei os sapatos que ele havia me entregado após perguntar meu número. Existiam inúmeras roupas e sapatos naquela sala. Me perguntei quantos de mim existiam naquele lugar.

— Todos usam esses uniformes aqui? — Perguntei.

— Sim, sim... São obrigatórios, para usar outras roupas somente em ocasiões especiais ou se você comprar com seus créditos de cura.

— Créditos de cura? Como assim?

— Bem, aqui funciona assim. Você se comporta, trabalha, faz as coisas certas e é recompensado com créditos de cura. Cada coisa que fizer tem um valor. Vamos seguir que vou te mostrando. — Voltamos para o corredor longo cheio de salas misteriosas.

O lugar tinha cheiro de água sanitária com outro cheiro agridoce misturado a mofo. As paredes eram gastas, com as pinturas brancas manchadas e riscadas. As luzes dos corredores eram fracas e às vezes piscavam sem motivo à medida que íamos passando. E existiam seguranças por todos os lados.

— Então os créditos de cura te atribuem o direito de comprar as coisas que você precisa ou quer, tipo sabonete, creme dental ou um chocolate. Você

só recebe o básico ou nem isso — ele riu como uma hiena — a comida daqui é horrível, uma vez encomendei um banquete.

— Mas não estou entendendo direito...

— Depois te mostro mais do hospital, vamos no pátio que hoje tem um grande show... — disse, rindo, e começou a correr.

Chegamos a um pátio grande e redondo. Era o final da tarde e o céu estava em uma mistura alaranjada e branca com as nuvens. Tinham mesas, aparelhos de ginástica em outro canto, cadeiras, jogos de xadrez e dama e outras estruturas de concreto. Todos estavam espalhados pelo pátio nostálgico.

— Estreia hoje... — gritou uma voz robótica de locutor em um rádio chiado. — LADY QUEEN — berrou.

Quando ouvi, começou a tocar uma balada melancólica e contagiante. Conhecia a música. E uma voz feminina começou a cantar — Balada do Louco de Ney Matogrosso. Subiu em uma pequena estrutura de concreto — seu pequeno palco. Ela vestia um vestido brilhante vermelho com muitas bijuterias douradas: colares, anéis e pulseiras. A voz era doce e ao mesmo tempo potente. No refrão, ela dava tudo de si. Parecia querer absorver os olhares de todos os duzentos ou mais pacientes que estavam por ali, mas ninguém parecia dar a mínima para aquele grande show. Seu sorriso

enquanto cantava era autêntico, autêntico até demais sob grossas camadas de batom vermelho. Até que no último refrão ecoou frio sob aquelas paredes — “Eu sou feliz”. Foi quando dois guardas chegaram e a puxaram. Falando que havia acabado o tempo. Ela dava risada, resistindo à truculência deles. “Eu já vou vestir o uniforme” — Ela gritava. Vi nesse momento uma lágrima escorrer por sob seu rosto e encontrar seu sorriso autêntico. Foi a imagem que mais me marcou naquele local.

— Essa é Lady Queen... Ela é louca de verdade. Usou boa parte dos seus créditos para comprar essas roupas e dar esse show — disse Êxodo, rindo.

— Ela parece uma figura e tanto — Comentei.

— Pois é... com os créditos que ela tinha, ela já podia ter saído daqui. Mas preferiu comprar o direito de fazer esse showzinho com esse vestido — Ele ria e falava rápido ao mesmo tempo. — Ela é uma das pacientes mais antigas.

— Mas como assim com os créditos... De cura é que saímos daqui ou não?

— É isso mesmo... Você tem que conseguir acumular X quantidade de créditos para poder sair... fazendo as coisas certas, você consegue trabalhar aqui dentro, tomar as decisões... — E foi me explicando outras regras como

horários, conduta, o que fazíamos durante o dia.

— O que você fazia antes de chegar aqui? Por que está aqui? — Temia essa pergunta. E gostaria de não responder. Ele perguntou enquanto deitávamos.

Fui dividir o quarto com ele. Era um quarto simples com duas camas de solteiro, duas cômodas, uma pia e uma pequena janela com grades. O banheiro era coletivo e ficava do lado de fora, no corredor, com seguranças a postos.

— Eu sou formado em economia. Trabalhava em um banco. Agora — ri — acho que perdi o emprego.

Êxodo franziu o cenho e se cobriu. Ele era moreno como eu, mas tinha uns dez anos de idade a mais.

— Eu pulei no mar de um penhasco... — As palavras saíram e caíram como pedra.

— Não sei como sobrevivi. Disseram que alguém me resgatou de alguma forma. — Continuei.

Somos aproximadamente oito bilhões de pessoas na Terra. Tantos nascem por dia, tantos morrem por dia. Foi numa quinta-feira, uma quinta-feira negra, que o sol ficou encoberto de vez para mim, embora tenha aparecido aos poucos, sem que eu percebesse. Primeiro um desânimo total,

depois uma falta de sentido em tudo — nas tarefas do dia a dia, no trabalho, nos relacionamentos... E depois, veio o Vazio e a Angústia. E BOOOOM. A Grande Depressão aconteceu, como a de Nova Iorque, mas dessa vez estava acontecendo somente comigo. Na minha redoma. No meu vazio.

Ele ficou calado. Não quis perguntar o porquê de ele estar ali. Achei que seria invasivo demais, parecia que não era pouco tempo. Ele me contou que aquele não era o nome de verdade dele e que tinha esse apelido por ter várias tentativas de fuga.

— Amanhã você conhecerá nossa rainha. — Riu. — Lady Queen. Ela gosta de conhecer todos que chegam, principalmente os homens.

O hospital era dividido em duas alas: Oeste, que era masculina, e Leste, que era feminina. Não existia nenhuma outra ala para pessoas que não se enquadrassem nesses parâmetros. Eu me senti desconfortável e outras pessoas poderiam se sentir ainda mais constrangidas. Os banheiros não ofereciam nenhuma privacidade e todos tomavam banho nus ou faziam suas necessidades totalmente expostos, sem nenhuma divisão entre os vasos sanitários. Naquela noite, sonhei com vozes metálicas e graves que só repetiam “isso não vai acontecer novamente”. Uma angústia me invadiu sorrateiramente.

No dia seguinte, comecei meu tratamento. Começaram um tipo de

terapia especial em mim. Já que contei para os médicos todo meu histórico de medicamentos que já tomei e não tinha dado resultado. Injetavam uma substância pela cavidade nasal com uma cânula parecendo uma enorme agulha. Era angustiante. Sentia-me lobotomizado, como se aquela agulha fosse dividir meu cérebro em duas partes iguais, porém com funções diferentes. Talvez, sem essa comunicação desses dois polos, eu me sentiria melhor.

Comecei a trabalhar, oito horas por dia, como no sistema convencional, mas dessa vez para ganhar créditos de cura. Eles analisavam cada detalhe, preenchiam os questionários intermináveis de como estávamos nos sentindo, qual o sentido do trabalho e o que faríamos ao sair dali. Isso tudo para nos dar crédito. Até a respiração que dava ao trabalhar era avaliada. Fui designado para o setor de compras e valores, dado a minha experiência na área econômica. Era chato e tedioso, como no meu emprego anterior.

Os números surgiram em espectros dançantes pela minha mente e fiz alguns cálculos rápidos. E percebi que naquele ritmo, levaria meses para juntar todos os créditos e conseguir me libertar daquele local. Isso se eu fizesse tudo o que esperavam, isso se não me castigassem retirando meus créditos diante de uma desobediência. Fiquei angustiado, fiquei sufocado diante daquela cúpula que me impedia de respirar. Precisava sair daquele

lugar mesmo sem saber para onde ir, mesmo sem ter para onde ir.

As chamas se ergueram de repente, vivas demais para parecerem reais. Nós três as admirávamos. Deveríamos correr, mas permanecemos fixos às sedutoras lambidas. O cheiro de fumaça encheu meus pulmões. Era cheiro de liberdade. Foi Lady Queen quem ateou, sorrindo como se desafiasse o próprio destino. Ela tinha ouvido a minha conversa com Êxodo sobre planejar um suposto plano de fuga. Ela mesma deu a ideia de tirar fogo nos uniformes e jalecos — afinal, eram um bom combustível para o fogo. Isso com a ajuda do álcool que roubei das compras que chegavam toda semana.

Corremos pelos corredores em direção aos nossos quartos. No caminho, o alarme de incêndio disparou. Era a deixa. Deveríamos ir para o pátio e entrar pelo corredor próximo de onde trabalhava. Depois, pegar mais dois corredores, passar por duas portas e, por fim, um portão reforçado de grade e finalmente estaríamos livres. Na verdade, estaríamos no estacionamento. No pátio, corríamos sem conseguir respirar pelo desespero. Percebia toda uma movimentação se formar atrás de nós. Alguns gritavam fogo e todos tinham saído dos quartos. O relógio marcava exato às três horas da manhã.

Entramos nos corredores. Passos pesados ecoavam. Os guardas estavam vindo. Êxodo abriu a primeira porta. Faltavam duas. Foi quando ouvi uma sirene estridente. “Fuga em andamento” — dizia uma voz

metálica. Lady ainda ardia em sua própria chama, rindo em meio à fumaça. Êxodo estava estranho, mais concentrado em abrir as portas e descobrir as chaves. Estávamos na segunda. Quando ele abriu, em meio às luzes fracas e às sombras, avistamos que havia guardas vindo. Corremos pelo próximo corredor, afoitos. Tínhamos apenas uma oportunidade.

Os sons se repetiam como um martelo, acelerando meu coração. Demos toda a volta necessária e chegamos à grande porta de ferro. Os guardas estavam vindo, mas pareciam não ter nos visto. Foi quando Êxodo abriu a porta e eu saí primeiro. O frio me cortou como faca.

— Vai, anda logo, eles estão vindo! — Ele gritou.

— Vai, Caio. A nossa hora vai chegar. — Disse Lady Queen.

Corri e pulei na traseira de uma caminhonete estacionada, me escondendo embaixo de lona e suprimentos que seriam descartados. Tudo estava escuro e inerte por aqui. Parecia um crime deixá-los para trás e, naquelas duas ou três horas que fiquei esperando aquela caminhonete dar a partida, pensava se deveria voltar. Eu não sabia se corria para a liberdade ou para um vazio maior, mas a imagem deles — Lady queimando o mundo e Êxodo abrindo a passagem para mim — ficaria ancorada em mim como ferro em brasa.

Ninguém procurou por mim e o estacionamento permaneceu inerte.

Somente ouvi a porta de ferro se fechar no mesmo instante em que me escondia e meu coração pulava. Quando cheguei ao centro da cidade e o carro parou, saltei para fora. Já era de manhã. A hora do rush na grande metrópole. Mal acreditava que havia conseguido. Ainda usava o uniforme. E, desorientado, comecei a percorrer aquelas ruas.

As luzes dos postes ainda piscavam como as dos corredores do Instituto, e os sons ecoavam como os bipes do hospital. Passos, vozes, murmúrios — tudo repetia a coreografia que eu deixara para trás.

Parei no meio-fio e percebi: não estava fora. O lado de cá era o mesmo lado de lá. Olhei ao redor e me vi cercado pelos mesmos corredores, só que vestidos de asfalto. A mesma necessidade de eficiência. A mesma necessidade de sobrevivência.

Caminhei sem destino pelas ruas, acreditando ter escapado daquele lugar insano. Mas aqui fora também existe uma redoma que prende e engole. E nunca se sabe quando ela ficará mais sufocante — ou mais líquida.



LITERATURA BRASILEIRA EM FOCO

Julie Isabelle Silva de Souza

Era uma manhã seca e ensolarada naquela pequena cidade do sertão, cidade na qual nasci e cresci, mas nunca me reconheci. Logo que acordei, não demorei em me preparar para a escola. Era ali, naquele ambiente educacional, que tinha certeza de que queria algo a mais, mais do que tudo que já conheço ou conheci. Antes de apresentar minha professora e colegas, deixe-me me apresentar. Sou Manoel, um garoto sonhador, nordestino e que acredita no poder da educação. Parece clichê, mas ninguém pode negar que a educação transforma vidas, e é isso que eu venho buscar todos os dias na escola.

Atravessei o portão escolar e logo vejo meu amigo Escobar, com aquele cabelo bagunçado e jeito de brincalhão. Me cumprimentou e fomos juntos até a sala da nossa turma. Quando chegamos, a professora já estava em sala, demos bom dia e nos dirigimos até nossos assentos. A primeira aula do dia era de literatura brasileira, o que curiosamente não interessava à turma tanto quanto gostaria.

A professora Cecília, responsável pela disciplina de literatura brasileira, decidiu fazer algo diferente naquele dia. Ao invés de apresentar os slides, pedir para abrir o livro e fazer as atividades presentes nele, ela pediu gentilmente que formássemos uma roda. Quando a roda já estava formada, ela começou a explicar o que seria realizado naquela aula. Naquele

momento, ela questiona o porquê da maioria da classe não gostar de ler os livros classificados como clássicos da literatura brasileira.

Surpresos com a abertura que ela lhes concedeu, cada aluno e aluna começou a levantar a mão para expor as suas opiniões. Maria começou afirmando que tem palavras difíceis demais e que não as entende. Joaquim menciona que nos livros ocorrem muitos fatos e ele fica perdido sem entender a história. Milena diz que são muitos personagens e acaba confundindo. Alice acha que tem pouco tempo para se dedicar às leituras, porque as outras disciplinas já ocupam muito do tempo dela.

A professora finalmente está começando a compreender as dificuldades que seus alunos apresentam. Decidida a transformar a situação, a professora Cecília tem a brilhante ideia de fazer a leitura dos clássicos em sala de aula e aplicar o método de leitura compartilhada e participativa. Cada aluno iria participar da leitura, lendo em voz alta, para toda a turma e por meio de revezamento, para que todos participassem e ninguém fosse excluído.

De repente, os alunos começaram a se interessar pela literatura brasileira e não dependiam da leitura em classe para procurar o livro. Com o auxílio da professora, Maria descobriu que existem livros clássicos com rodapés que explicam as palavras antigas e de difícil compreensão. Com o auxílio da professora, Joaquim começou a fazer anotações simples que o

ajudavam a lembrar dos acontecimentos do livro. Com o auxílio da professora, Milena começou a identificar os personagens por meio das características disponíveis no enredo da história. E Alice começou a usar menos o celular, para ter alguns minutos de leitura diária.

Que ideia brilhante foi a professora Cecília conhecer as dificuldades de seus alunos e, com base nisso, buscar soluções. Que docente exemplar! Antes mesmo da proposta de aula em roda e participativa, eu já amava a literatura brasileira, mas agora posso afirmar que não sou mais o único a valorizá-la.

E assim, o ano letivo foi passando e chegamos à última unidade. Apesar de amar a profissão que escolheu, a professora Cecília estava esgotada, foram muitas turmas, muitos conteúdos, muitas provas e atividades para corrigir. E, apesar do cansaço e da sobrecarga, ela decide continuar sua missão, a de compartilhar a importância da literatura brasileira.

Os outros professores começaram a perceber que a professora Cecília havia conquistado o coração dos alunos, enquanto eles continuavam a ter problemas de desinteresse em suas aulas. Sendo assim, decidiram montar uma emboscada para que a professora Cecília seja demitida. Os professores de química, física, sociologia e matemática se uniram e estão dispostos a elaborar um plano infalível.

Decididos, começam a procurar informações sobre ela nas redes sociais; qualquer prova ou informação que seja útil deve ser investigada. E, surpresos, descobriram que ela não possuía nenhuma rede social. Se a internet não é a aliada que eles precisam, será necessária outra estratégia.

Começaram a persegui-la de forma discreta e presencial, observaram onde a professora Cecília morava e o trajeto que percorria antes e depois da escola. Mas ainda não está decidido o que será feito para conseguirem a demissão da professora mais amada do colégio.

Para obter mais informações decidiram questionar os alunos sobre a professora. Maria disse que ela era muito inteligente e que se importava com os alunos. Joaquim disse que ela era muito dedicada e sempre buscava inovar nas aulas. Milena disse que a personalidade dela é incrível e isso torna a aula dela incrível. Por fim, Alice disse que ninguém conseguiria substituí-la.

Os professores, já cansados de tantos elogios, pararam as investigações. Aquele plano não estava indo para frente. Todas as estratégias fracassaram e todo esforço até então havia sido em vão. Até que o professor de matemática teve uma ideia: convidar a professora Cecília para uma suposta confraternização, que não existe, mas que será útil para sequestrá-la e convencê-la a renunciar o cargo de professora de literatura brasileira no colégio.

Era novembro, último mês de aulas e bem próximo das tão desejadas férias. Momento perfeito para fazer o convite falsificado para a confraternização. A professora Cecília chega no horário, como sempre, e se prepara para ministrar mais uma aula, mas antes o professor de matemática a interrompe em meio ao trajeto e entrega o convite da confraternização. Cecília, empolgada, já afirma que irá comparecer. O professor de matemática reforça que é uma confraternização surpresa, logo ela não pode comentar com outros colegas de trabalho sobre a confraternização. Ela aceita e guarda o convite para si.

A confraternização ficou marcada para 25 de dezembro, unindo festas de fim de ano a um plano maldoso dos professores invejosos. Como aluno da professora Cecília, tenho certeza de que ela não suspeita de nada, mas mesmo que ela não saiba, ela já possui uma lista de inimigos, simplesmente por exercer a profissão da melhor maneira possível.

Ao chegar ao endereço, Cecília toca a campainha e aguarda para que a recebam. O anfitrião da suposta confraternização não poderia ser outro, a não ser ele, o professor de matemática. Com sua engenhosidade, conseguiu criar essa situação e, até o momento, está sendo um sucesso.

Dez passos depois, Cecília começa a desconfiar. Não tem comida, não tem decoração, não tem a maioria dos colegas de trabalho. O que estaria

acontecendo, ela se pergunta em seu interior. Sem tempo para respirar, colocam um saco no rosto de Cecília e a transportam para uma cadeira com amarras, para que ela não fuja.

Caiu a ficha, ela havia sido enganada e agora está em apuros, pois eles só iriam liberá-la quando informasse ao colégio que não daria mais aulas e se demitiria. A angústia toma conta da professora e ela começa a lembrar de todas as aulas que já ministrou. Com lágrimas nos olhos, pensava em como estava orgulhosa de seus alunos por darem uma chance a ela e à literatura.

Quantas vezes ela pensou que não conseguiria convencer seus alunos da importância dos livros e da leitura? Mas, sim, ela conseguiu. Ela buscou mais conhecimento, ela fez questionamentos, ela aplicou metodologias. E o trabalho sempre devolve, em meio àquela situação, ela só pensava: cumpri meu propósito, não devo temer a demissão.

Quando os outros professores invejosos chegaram, imediatamente começaram a comemorar com o professor de matemática, que se tornou o líder deles pela ideia genial. Mas distraídos com a comemoração, Cecília percebeu que o celular dela ainda estava em seu bolso. E, mesmo amarrada, ela fez uma ligação para a polícia. Ela não falou nada, mas deixou a ligação em viva voz, para que quem estivesse do outro lado ouvisse a trama dos professores invejosos.

Após comemorarem, voltaram para a sala que Cecília estava e contaram o objetivo da emboscada: demiti-la. Ela, em vez de fazer o que eles pedem, começa a fazer perguntas estratégicas que podem ajudar o policial a encontrá-la e resgatá-la. Enquanto Cecília tentava ser socorrida, a memória e recordações interessantes vêm à mente da professora.

Ela começa a pensar quão bom era poder falar de Machado de Assis, como era bom fazer a leitura em classe de escritores tão renomados e principalmente que representam o povo brasileiro, que demonstra que no Brasil existe cultura, existe escrita e existem grandes escritores.

Ela pensa: “Que saudade eu tenho dos poemas de Drummond”, “Como faz falta a leitura de livros de Jorge Amado”, e por fim, “Que privilégio seria ler mais reflexões em forma de poesia e prosa da Clarice Lispector”. Depois desse devaneio, logo voltou à realidade, estava amarrada em uma cadeira e sendo coagida a abandonar o que ela mais ama: a sala de aula.

Os professores invejosos já estavam fazendo a ligação para o colégio para que a professora peça demissão na presença deles, garantindo que a professora mais amada do colégio se torne apenas uma lembrança distante.

Já havia se passado 1 hora, mas a polícia ainda estava tentando compreender a situação para posteriormente intervir. Em algum momento naquela ligação de Cecília, conseguiram rastrear a localização do celular de

Cecília. Com a localização em mãos, a polícia vai ao encontro da vítima, que nesse caso é a amada professora Cecília.

Arrombaram a porta e chegaram antes da professora fazer o pronunciamento de sua demissão. Prisão para todos os professores envolvidos na emboscada. Cecília foi liberada e, com muita gratidão, retorna às salas de aula. Enquanto isso, o professor de química tenta fugir, mas sem sucesso. O professor de física cobre o rosto diante dos jornalistas que apareceram após saberem da emboscada. O professor de sociologia é o primeiro a ser capturado. O professor de matemática, como o gênio da quadrilha de professores, é o que passará mais tempo na cadeia.

Cecília não se contenta em apenas viver essa experiência chocante e decide escrever um livro sobre o ocorrido. O sucesso de vendas é inquestionável. Ter um livro autoral aquece o coração da professora de literatura brasileira e conquista ainda mais o desejo dos alunos pela literatura.

Ao tramarem contra a professora Cecília, a vingança caiu sobre eles mesmos. Presos, sem liberdade e tudo por um plano, tudo pela inveja. Alimentar e dar espaço a esses sentimentos e permitir que se tornem ações é a receita perfeita para o fracasso.

Passaram-se alguns anos desde o ocorrido, e Cecília se tornava cada vez mais conhecida e elogiada. O brilho dela era inevitável, uma docente

exemplar, escritora best-seller e agora também palestrante. Nada lhe faltava, e em tudo que ela se dedicava transbordava e mudava o olhar dos outros diante da literatura brasileira.

Literatura brasileira não é difícil, literatura brasileira não é chata, literatura brasileira é preservar a cultura da sociedade brasileira. É manter uma memória coletiva do passado, do presente e conseqüentemente do futuro.

Sufocar a literatura brasileira e achá-la inferior diante das outras literaturas é desconsiderar toda a beleza da nossa história. Cada literatura é única, assim como as culturas são únicas. Não há literatura superior e inferior, nem melhor ou pior, apenas diferentes.

A professora Cecília, assim como eu, tem a paixão pela literatura brasileira, ela nos apresenta outras realidades, distintas da nossa e que sem a literatura brasileira, não seria possível conhecê-las.

Na literatura encontramos temáticas como velhice, infância, emprego, inveja, amor, saudade e tantos outros temas que permeiam a sociedade. Como aluno do ensino básico, posso garantir que se nos dedicarmos e dermos uma chance para os livros, nossa realidade modifica, e modifica para melhor. Apesar de ser comum a cultura de não ler no Brasil, não significa que é bom. Para a cultura brasileira, ler é perda de tempo ou ler não é prioridade.

A professora Cecília mostrou que a realidade da sociedade brasileira não precisa permanecer assim. Ser alfabetizado já é uma grande bênção, mas utilizar a alfabetização e o letramento para adquirir mais conhecimento é a chave para uma mudança social e educacional do Brasil.



TERMOS DE USO

Lucas Soboleswki Flores

“Prezado colaborador,

Informamos que a sua função no portal Notícias Agora foi descontinuada. A partir de hoje, as atividades do setor serão integralmente assumidas pelo sistema OrionAI.

O RH providenciará o pagamento referente aos dias trabalhados no último mês. Como sua contratação é realizada sob regime de pessoa jurídica, não há outros direitos trabalhistas a serem considerados.

Atenciosamente,

Daniel Zucker

Diretor de Conteúdo – Notícias Agora”

Foi assim que acabou: um e-mail às 7h42 da manhã, três parágrafos que me apagaram do mapa. Nem um telefonema, nem a decência de me olhar nos olhos para dizer que eu não servia mais.

Li e reli aquelas linhas como quem observa a própria sentença de morte. Não havia engano, nem brecha. Só a frieza burocrática de quem decide que eu já não valho nem a luz elétrica do escritório.

Me senti um lixo. Aqueles chinelões me usaram como uma puta velha, que agora já não serve e foi jogada na rua. Cinco anos reduzidos a um aviso automático, a uma promessa de depósito pelo que já trabalhei — e nada

mais. Sem direitos, sem futuro. Apenas o silêncio da tela me lembrando que até minha obsolescência podia ser registrada em PDF.

A primeira reação foi tentar me convencer de que não era o fim do mundo. Podia arrumar outro emprego. Respirei fundo, engoli um *Rivotril*, abri uma Coca Zero e fui me jogar no sofá, com a Zuleika ronronando no meu colo como se não existisse crise nenhuma. Enquanto fazia carinho nela, abri o aplicativo do banco para encarar o saldo: o dinheiro que restava me dava algumas poucas semanas de oxigênio. Um mês, talvez dois, se eu cortasse até o delivery de sushi barato no fim de semana.

A revolta veio quente, como um soco no estômago. Ia ter que baixar as orelhas e engolir a vergonha. Vergonha de ser o fracasso da família — já não bastava ser gay, jornalista e de esquerda, agora também um desempregado. Engoli seco, mas não só a vergonha. Engoli também a obrigação ridícula de abrir o *LinkedIn* e escrever um textão hipócrita, “agradecendo a oportunidade no portal, pela experiência

Incrível”, para em seguida anunciar que estava *open to work*, “aberto a novos desafios”.

Hoje em dia, não basta ser explorado e jogado fora. Não. A humilhação é pública, ritualizada. A gente ainda precisa se ajoelhar digitalmente, implorar reconhecimento, receber comentários de “força” de colegas que

nunca levantariam o telefone para me indicar em lugar nenhum, e reações de apoio — aquele emoji de mãozinha patética que parece dizer: parabéns, você foi devorado pelo sistema e ainda sorriu para agradecer.

Os dias seguintes foram um borrão. Eu acordava tarde, tomava café frio da garrafa esquecida na cozinha, abria o *LinkedIn* só para ver mais vagas pedindo dez anos de experiência em funções que nem existiam cinco anos atrás.

No resto do tempo, ficava zapeando vídeos idiotas no celular — de influenciadora que divulga tigrinho e explora as gracinhas das filhas com o ex-sertanejo até novelinhas verticais idiotas e vazias, repletas de clichê, que moem o cérebro até da mais brilhante das criaturas. Era isso ou encarar a parede. A parede, pelo menos, não pedia engajamento.

De noite, quando o silêncio começava a apertar, mandava mensagem pro Cadu. Amigo, ficante, quase namorado — ou nada disso. Nunca conseguimos dar nome. No fundo, eu sabia: nem pra segurar um namorado eu prestava. Minha vida amorosa era uma piada triste, um sexo esporádico, umas cervejas mornas e uma madrugada mal dormida. Ele dizia que gostava de mim, mas eu sentia que era só mais uma companhia pra preencher o vazio dele. Talvez fosse recíproco.

— E aí, sobrevivendo? — ele perguntou numa ligação de vídeo, o rosto mal iluminado pelo abajur.

— Sobrevivendo é muito otimismo. Estou só vegetando — respondi, rindo sem graça.

Ele tentou me animar, disse que eu ia encontrar outra vaga, que eu era bom no que fazia. Besteira. Eu já não acreditava em nada disso. Nem em mim. A vida profissional tinha virado pó e a pessoal não passava de um eco oco. Entre as duas, só restava um fio fino de rotina: a Coca Zero, os calmantes e as mensagens arrastadas com Cadu.

Cadu apareceu no fim da tarde, sem avisar. Disse que queria me ver, que estava preocupado. Eu deixei. Quando abri a porta, ele me abraçou — um abraço morno, mais terno do que apaixonado —, e, sem perceber, o gesto virou outra coisa. As mãos encontraram pele, o silêncio da casa engoliu as palavras, e logo o quarto se encheu de respiração. Foi urgente, desajeitado, uma mistura de consolo e raiva.

Nenhum dos dois queria realmente estar ali, mas ficar sozinho parecia pior. No fim, restou apenas o cheiro quente no ar e um cansaço sem nome.

Depois, jantamos miojo, porque era o que tinha. Zuleika começou a miar em volta da mesa, esfregando-se nas minhas pernas, e eu percebi que até ela estava com fome. Abri o armário — vazio. Nem ração restava. Se o

cartão não passasse no dia seguinte, eu ia ter que pedir fiado no mercadinho da esquina. Um vexame a mais na lista.

Cadu estava deitado na cama, pelado e com o celular na mão. A luz da tela refletia no peito dele e deixava o quarto com aquele tom azulado de madrugada barata. “Olha isso aqui”, ele disse, rindo. Era uma ex-colega nossa da escola — Vanessa. Posando num barco, champanhe na mão, sorriso de capa de revista. Tudo artificial, tudo caro.

— Lembra dela? — perguntou.

— Aquela putinha que vendia perfume da Avon e dizia que ia ser atriz? — Essa mesma. Mas agora parece que tá rica. Tá ganhando a vida no *Privacy*.

Fiquei olhando as fotos. A pele bronzeada, as poses ensaiadas, os comentários sedentos. Cadu me olhou com aquele meio sorriso torto.

— Ué, você não é de se jogar fora... podia tentar também.

Ri, meio sem graça, tentando disfarçar o incômodo. Mas a ideia ficou. Pequena, incômoda, latejando no fundo da cabeça. Como uma mancha que começa discreta e vai se espalhando até tomar tudo.

Acordei com o cheiro de café fresco e pão quente. Por um instante, achei que estivesse sonhando. O apartamento estava silencioso, só o barulho da cafeteira e um chiado vindo da frigideira. Cadu estava na cozinha, de

camiseta e cueca, preparando um banquete como se fôssemos um casal de comercial de margarina: pão, queijo, requeijão, doce de leite, *Nutella*, bolo de chocolate — tudo empilhado na mesa de um jeito quase ofensivo para quem tinha jantado miojo na noite anterior.

— Achei que a gente podia começar o dia melhor — ele disse, sorrindo.

Olhei para aquilo com estranheza. Não sabia se sentia gratidão ou vergonha. Parte de mim queria agradecer, outra parte queria mandá-lo embora. Eu não pedi café da manhã de hotel. Só queria que ele tivesse ficado quieto, ali, do meu lado, no escuro, sem tentar consertar nada.

Foi então que vi, em cima da pia, o saco de ração novo. Um saco grande, de três quilos, da *Whiskas*. A cereja do bolo da humilhação. Ele até lembrou da gata — e comprou a marca mais cara, claro. Eu sempre pegava a ração avulsa, sem nome, vendida a quilo no Mercado Público. Mas ali estava o presente, cor-de-rosa e brilhante, gritando na bancada que até a Zuleika agora vivia melhor do que eu.

Fiquei parado, olhando o pacote como quem encara um espelho sujo. Não sabia se ria, se agradecia ou se chorava. Só consegui pensar que aquele gesto, por mais gentil que fosse, era um lembrete cruel: eu não tinha mais como sustentar nem a mim, nem o meu pet. Alguém estava fazendo isso por mim — e isso, por dentro, doía mais do que qualquer rejeição.

Me senti uma puta barata. Mas, aceitei a esmola em silêncio. Pelo menos ia comer direito por uma manhã. Montei o prato, servi o café e sentei à mesa fingindo normalidade. Cadu sorria, satisfeito, como quem tinha feito um gesto nobre. Eu só queria que ele parasse de ser tão gentil — aquilo me deixava menor.

— Que foi? — ele perguntou, quebrando o silêncio. — Não gostou da surpresa? Tá tão calado.

— Nada... — respondi, mexendo o café com a colher, sem vontade. — Fiquei pensando na guria do Privacy. Será que vale a pena mesmo? É fácil ganhar dinheiro lá?

Cadu arqueou as sobrancelhas, surpreso. Soltou um riso breve, meio nervoso.

— Eu tava brincando, Sam. Não precisa levar a sério. Mas... sei lá, acho você bonito, de verdade. Não é uma gay padrão, mas é exatamente isso que pode funcionar. Tem público pra todo mundo nesses apps.

Fiquei em silêncio, olhando pro bolo. Ele continuou, a voz mais suave, quase cúmplice.

— E também... ninguém precisa mostrar tudo, né? Podia usar uma máscara, sei lá... fazer um personagem. Só pra levantar uma grana enquanto não aparece um trampo melhor.

Assenti, sem dizer nada. A ideia, que ontem me parecia ridícula, agora soava quase lógica. Era isso ou continuar pedindo fiado pra alimentar a gata. Engoli um pedaço de pão com *Nutella* e senti o gosto doce arranhar a garganta.

Cadu ficou me olhando por alguns segundos, como quem mede a fronteira entre a piada e a proposta.

— Se quiser... eu posso te ajudar. — Ele disse, com um meio sorriso. — A gente cria o perfil junto, pensa num nome, faz umas fotos legais.

Olhei pra ele, tentando entender se era brincadeira de novo. Não parecia. A ideia flutuou no ar, incômoda e tentadora. Um projeto, uma saída, uma desculpa pra não pensar no resto.

— Tá — falei, por impulso. — Mas não aqui. Não quero tirar foto nesse apartamento que cheira a derrota.

Ele riu. Concordou. No fim da tarde, fomos até um motel no Quarto Distrito. Escolhemos um dos mais baratos — ainda assim, o preço da diária era praticamente o que restava na minha conta. Eu disse que era um investimento. “Investimento em decadência”, pensei, mas não disse em voz alta.

O quarto tinha luz vermelha difusa, lençóis de cetim gasto e um espelho manchado no teto. Havia também umas cadeiras estranhas, com

tiras de couro e suportes metálicos — o tipo de mobília que tenta parecer erótica e só consegue ser triste. O ar cheirava a desinfetante misturado com perfume de velha pobre na fila da lotérica.

— Bonito, né? — ironizou Cadu, largando a mochila na cama.

Rimos. Um riso meio nervoso, meio cúmplice. Ele pegou o celular, ajustou a luz e começou a me guiar como se fosse um fotógrafo de moda frustrado.

— Vai, tira a camiseta. Deixa só a sunga. Olha pra câmara, mas não sorri. Faz cara de mau — Ele falava baixo, concentrado. — Isso, agora vira um pouco... assim.

Fiz o que ele dizia. O primeiro clique me deu vergonha. O segundo, raiva. No terceiro, alguma coisa em mim desligou. Comecei a posar de verdade — o corpo assumindo uma segurança que eu não sentia por dentro. Cadu se aproximava, corrigia o ângulo, ajeitava o cabelo, tocava meu ombro tatuado com estrelinha. Tudo tinha um ritmo lento e íntimo, uma coreografia improvável entre dois fracassados tentando fabricar desejo.

As fotos não mostravam nada explícito. Só pele, sombra e sugestão. A luz vermelha tornava tudo mais teatral. Quando olhei o resultado na tela, quase não me reconheci. O cara das fotos parecia alguém com controle — alguém que sabia o que estava fazendo.

— Tá vendo? — disse Cadu, sorrindo. — Eu te disse. Isso vai dar certo. Assenti, mas o nó no estômago não passava. Lá fora, o céu já escurecia, e a luz vermelha do quarto parecia engolir o resto do mundo. “Um investimento”, repeti pra mim mesmo. Só não sabia ainda no quê.

Em poucos dias, o perfil começou a render. Uns seguidores aqui, outros ali, elogios, mensagens diretas, emoji de diabinho, comentários sedentos. Divulguei o link em alguns grupos no *Discord* — daqueles que ninguém admite participar, mas todo mundo tem um pé dentro. O dinheiro não era nada exorbitante, mas, ironicamente, já superava o meu antigo salário de jornalista. A gata agora só comia *Whiskas*. Eu também me alimentava melhor — com culpa e alívio misturados, como se cada refeição fosse paga com pedaços da minha dignidade.

O curioso é que, no começo, me senti bem. Desejado. Valorizado. As pessoas me chamavam de “lindo”, “gostoso”, “diferente”. Palavras que nunca escutei em redação nenhuma. Mas logo começou a pressão: queriam mais. Mais pele, mais ousadia, mais verdade inventada. “Mostra mais”, diziam as mensagens. “Queremos ver tudo.”

Resisti por uns dias, depois cedi. Chamei o Cadu. Ele topou na hora, como quem embarca numa loucura por pura curiosidade — ou por afeto, vai saber. Dessa vez, fomos para um motel caro, desses com piscina, iluminação

de LED e espelho em todos os ângulos possíveis. A diferença de classe entre os dois motéis era quase didática: do inferno ao purgatório em uma semana.

Logo as fotos viraram vídeos. As poses, performances. E Cadu deixou de ser só o fotógrafo: passou a participar das cenas, de verdade, ao meu lado. Às vezes, literalmente dentro de mim.

Quando publiquei o novo conteúdo, as notificações vieram como chuva grossa. Assinaturas novas, gorjetas, elogios exagerados. O prazer de ser visto misturado com o gosto da vergonha. Eu tinha cruzado a linha — e, curiosamente, me senti mais vivo do que em qualquer outro momento.

Os pedidos começaram a chegar (e cada vez mais bizarros). Queriam ver meu pé, meu sovaco, meu peito suado, um close nos pelinhos da minha bunda... Coisas específicas, meio fetichistas, mas nada que parecesse perigoso. Achei estranho, claro, mas fiz. O dinheiro vinha fácil, o público reagia rápido, e logo eu já não sentia tanto constrangimento. Era só mais um clique, mais um pix, mais um elogio falso travestido de afeto.

Tudo ia indo bem, meio que no piloto automático. Até que um dia, enquanto buscava referências pra novas fotos, vi uma notícia que me gelou: o *OrionAI* tinha sido integrado ao *Privacy*. Agora o sistema gerava vídeos personalizados a partir de prompts enviados pelos usuários da plataforma. Bastava o assinante descrever a cena — e a IA fazia o resto. Sem câmera,

sem suor, sem vergonha.

Pensei: “Que prático.” E logo depois, “que perigoso”.

Por impulso, digitei meu nome na busca. A tela levou alguns segundos pra carregar. Depois, lá estava: eu — ou algo que me imitava — sendo fodido em quatro ângulos diferentes, com legendas sensuais que jamais escrevi. A voz era minha. O corpo também, só que melhorado: mais definido, sem olheiras, com o sorriso que nunca aprendi a sustentar.

Abri o chat de suporte tremendo. Escrevi um textão furioso, anexe prints, links, ameaças de processo. A resposta veio em segundos, automática:

“Olá, Samuel. Conforme o termo de compromisso aceito no ato do cadastro, todas as vozes, imagens e variações sintéticas geradas a partir de conteúdo original tornam-se propriedade intelectual da OrionAI e suas afiliadas. Recomendamos a leitura integral do contrato antes de prosseguir.”

Achei o tal do contrato. Rolei até o fim do documento, em que havia uma linha que resumia tudo:

“O usuário reconhece que sua identidade poderá ser utilizada em reproduções audiovisuais de caráter ficcional, erótico, promocional ou experimental.”

Ou seja: podiam me foder em 4K e ainda chamar de arte.

Pensei em processar. Em chamar um advogado. Mas advogado custa

caro, e por melhor que fosse, jamais venceria o time jurídico de uma big tech. Pensei em postar um desabafo, expor a empresa. Mas logo imaginei os comentários do tribunal das redes: “*devia ter lido o contrato*”, “*você que se colocou ali*”, “*se tava vendendo o corpo, qual o problema da IA continuar vendendo?*”

Lá fora, o mundo seguia seu curso de algoritmos. Aqui dentro, meu duplo digital ganhava assinantes, gorjetas, corações vermelhos.

Ele gozava por mim. Ele sorria melhor que eu. E o público o amava. A Zuleika dormia enrolada no sofá, alheia ao fim do mundo.

O apartamento cheirava ao *Coala* de capim-limão, que eu passava para disfarçar o cheiro do xixi da gata, e a pão doce — o resto do café da manhã que Cadu deixara.

Sobre a mesa, do lado do saco de pão esquecido pelo meu amigo colorido, um frasco de *Zolpidem*, metade cheio. Lembrei que era dele. Tomava pra dormir, dizia

que sem aquilo a cabeça não desligava. Tinha um amigo de um amigo que era médico e vendia as receitas sem nem consultar. Prático!

Peguei o frasco, girei entre os dedos. O nome impresso no rótulo parecia o de uma estrela distante — *Zolpidem*, *OrionAI*, *Privacy*, Samuel. Tudo soava igual agora: nomes (ou marcas) que pertenciam a outra pessoa.

Sentei na beira da cama. A tela do notebook ainda refletia o último vídeo: o “eu” sintético, sorrindo, vivo, sem qualquer pudor, fazendo coisas que deixariam até a Andressa Urach horrorizada.

Lá fora, começava a chover.

Por um instante, achei bonito. O mundo lavando o que restava.

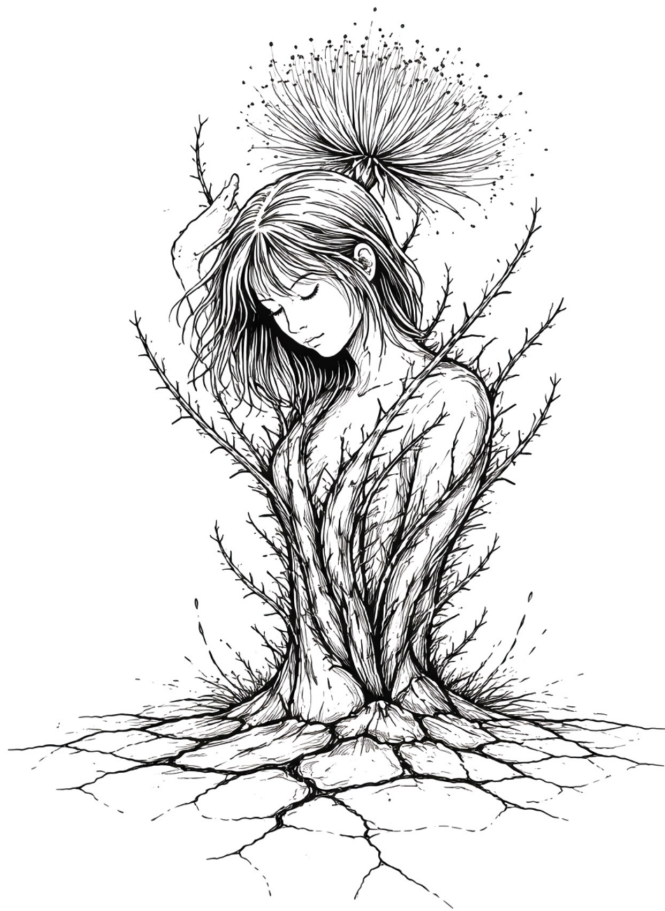
Aproximei o frasco do ouvido e ouvi o chocalho leve, quase musical. Soava como um convite. O coração pulsava. A cabeça parecia rodar. O mundo parecia que ia cair.

Pensei em Cadu, na redação, em todas às vezes em que abri uma notícia sobre alguém que “foi encontrado sem vida” e copiei o mesmo lead automático. Agora eu era a notícia — ou a nota de rodapé de um algoritmo qualquer.

Fechei o notebook.

“Desligar”, pensei.

E obedeci.



HAEMANTHUS

Patrícia Roberta Xavier

Déa nascera em um lugar árido e vivera uma vida agreste e meio ocre. Até seu nome parecia presságio. As agruras vividas, desde a infância, aguçaram-lhe o instinto de autopreservação. Ofuscada entre muitos irmãos, adaptara-se a uma vida silenciada.

Um dia qualquer, sem procurar, encontrou o amor. Sua habilidade de adaptação a fez acomodar-se, rapidamente, ao afeto que lhe fora oferecido.

Mas, abruptamente, ele partiu, partindo também seu coração.

Ela esquecera o pouco que sabia do que era viver. Seu sol se apagara.

Embora regasse com afeto as suas sementes, o amor ausente enchia-lhe o peito de angústia e ela, às vezes, exalava indiferença, soprando rajadas de desafeto que feriam como espinhos.

No território da saudade, fincou-se como uma bandeira, levando o nome daquele a quem tanto amou. A saudade que ela nutria criou raízes profundas nos recônditos do seu coração, onde ainda resistiam centelhas de vida. Quando ela se despediu, o mundo a honrou como símbolo de resistência. Foi vista como um cacto austero.

Num tempo reverso, aquela que aprendera a viver em estado de dormência surpreendera todos, florescendo.

Floresceu esférica, numa cor vermelho-alaranjado. Agora ela é um mundo todo tingido de sangue, que emerge das entranhas da Mãe Gaia, aos fins de ano, um lindo espécime de *haemanthus*.

SOBRE OS AUTORES

Ana Brito

Pernambucana, doutoranda em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Gestão, Inovação e Consumo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisa o consumo e suas perspectivas, como comportamento do consumidor, bem-estar e experiências. A sustentabilidade e a ecoinovação também estão presentes em seus estudos. É servidora pública e docente de formação, além de desenhista e escritora por vocação.

Antonius Gerardus Maria Poppelaars

Professor de línguas, escreve artigos, poemas, peças e contos. Possui graduação e mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Sua inspiração advém do inesperado na vida cotidiana, representado por personagens em situações absurdas, mas também reconhecíveis. Seu primeiro livro de contos foi lançado em 2024.

Jardel Lucas Garcia

Nascido em 1991, no interior de Minas Gerais, é professor, programador, escritor e pesquisador nas áreas de tecnologia, educação e linguagens. Dedicar-se à docência e à pesquisa tanto no ensino superior quanto na educação básica, integrando literatura e artes em suas práticas e escrevendo continuamente.

Jefferson Souza

Reside em Areia Branca (RN). É historiador pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH). Atua como escritor, dramaturgo, roteirista, cineasta e compositor.

Julie Isabelle Silva de Souza

Graduanda do curso de Bacharelado em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Aprecia livros de diversos gêneros e música. Possui afinidade com temas relacionados à língua portuguesa, à escrita, à leitura e às literaturas, tendo como principal interesse a área de Linguística.

Lucas Soboleswki Flores

Doutorando em Letras (UFRGS), mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS), graduado em Letras - Português (Uniasselvi) e em Comunicação Social – Relações Públicas (UCS). Atua como redator publicitário e é professor dos cursos de Jornalismo, Marketing e Design do Centro Universitário Alves Faria (Unialfa).

Patrícia Roberta Xavier

Professora, pesquisadora e escritora, atua na área de linguagem, literatura e poesia. Possui mestrado acadêmico em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Florida Christian University e mestrado profissional em Letras pela UFAPE, além de doutorado pelo Programa Educação sem Fronteiras da mesma instituição internacional. É autora de obra voltada ao letramento literário e tem publicações em artigos, poemas, contos e crônicas. Reconhece a produção literária como sua principal forma de atuação no mundo.

Philippe Erick

Indefinível, mas, entre tantas coisas que é — e não é —, mineiro, graduado em Psicologia pela UFMG, psicanalista, servidor público e, sobretudo, escritor. As palavras são sua âncora em meio às tempestades em alto-mar.

